



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Licenciatura em Pedagogia

SIMONE VALÉRIA ALMEIDA NASCIMENTO

DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: contribuições para a educação da infância a partir do lugar da brincadeira em Ana Maria Machado

SÃO CRISTÓVÃO
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Licenciatura em Pedagogia

SIMONE VALÉRIA ALMEIDA NASCIMENTO

DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: contribuições para a educação da infância a partir do lugar da brincadeira em Ana Maria Machado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFS -Universidade Federal - Campus de São Cristóvão sob a orientação do Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira.

São Cristóvão
2014

SIMONE VALÉRIA ALMEIDA NASCIMENTO

DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: contribuições para a educação da infância a partir do lugar da brincadeira em Ana Maria Machado

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de graduada em Pedagogia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira.

Orientador

UFS/São Cristóvão
Profa. Dra. Lianna de Melo Torres
1ª. Examinador

UFS/São Cristóvão
Profa. Dra. Marizete Lucini
2ª. Examinado

Dedico este trabalho aos meus pais, Antonio (in memoriam) e Elza, e aos meus irmãos, Marcos, Elder, Roberto, Ricardo, Emerson e Vanessa, por terem me incentivado a vencer todos os obstáculos desta longa caminhada e por terem acreditado no meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é ter gratidão, e a gratidão vem do coração!!! Minha gratidão por mais esta vitória em minha vida é em primeiro lugar a Deus, que é a razão de tudo, dando-me forças e sabedoria para chegar a este objetivo.

Aos meus amados pais, Antônio (*in memoriam*) e Elza, pelo amor e carinho que sempre me dedicaram e, pela educação recebida de vocês, dando-me exemplos de caráter, de respeito e solidariedade.

Aos meus irmãos Marcos, Elder, Roberto, Ricardo, Emerson e Vanessa, pela torcida, pelo incentivo para os estudos e sobre tudo pelo amor que recebo de vocês todos os dias!!! Amo muito esta família linda que Deus me concedeu.

Agradeço as minhas queridas cunhadas, Tatiane, Célia, Viviane, Jessica e Daiane. O meu muito obrigado.

Aos meus avós (*in memoriam*), em destaque para a minha avó Lourdes, que partiu desta vida recentemente, deixando muitas saudades. O teu amor e carinho estará guardado para sempre em meu coração. Aos meus parentes e amigos.

Aos meus colegas de curso, a todos o meu muito obrigado!!! Aos meus mestres agradeço pelo carinho, pela mediação do conhecimento já adquirido, descobertos e ampliados nesta academia. Que Deus abençoe vocês!!!

Agradeço em especial ao meu primeiro orientador Luis Carlos Prado, que foi bem amigo, dando-me orientações necessárias para chegar ao objeto desse trabalho monográfico, que no início estava bem confuso. O meu muito obrigado pelo seu carinho e dedicação.

Agradeço também ao meu segundo orientador José Mário Aleluia Oliveira, pois sua orientação foi uma grande honra para mim. Dando-me suporte necessário, encaminhando-me a busca de recursos bibliográficos, auxiliando-me no desenvolvimento das ideias e na escrita da pesquisa. Seu apoio foi além do profissional, mais que meu orientador, foi um amigo.

Por fim agradeço a todos que estiveram comigo de forma direta e indireta desde o início desta caminhada. O meu muito obrigado!!!.

NASCIMENTO, Simone Valéria A. **DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: contribuições para a educação da infância a partir do lugar da brincadeira em Ana Maria Machado.** São Cristóvão, 2014. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia): DED – Departamento de Educação - Universidade Federal de Sergipe - Campus de São Cristóvão/SE

RESUMO

Através da amarração entre as considerações sobre as questões relacionadas à brincadeira e à Literatura Infantil, chegamos ao objeto desse estudo, que tem como tema: **DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: contribuições para a educação da infância a partir do lugar da brincadeira em Ana Maria Machado.** Esses dois assuntos são pertinentes e muito discutidos na educação da infância, pois os mesmos possibilitam a criança a entrar no mundo da imaginação, sendo esta uma atividade essencial para a infância e, que deve ser instigada, pois a imaginação através do brincar ou do mundo da ficção encontrada na Literatura Infantil são indispensáveis para o desenvolvimento infantil. Neste estudo, temos como objetivo compreender as brincadeiras que estão presentes em quatro obras de Ana Maria Machado (*Vamos brincar de escola?; Quem me dera; Brincadeira de sombra e Dia de chuva*) e como as personagens se relacionam com elas. O estudo aqui desenvolvido utilizou o método de análise de conteúdo destas quatro obras infantis da consagrada escritora da literatura brasileira, Ana Maria Machado, como também levantamentos biográficos e bibliográficos. Para desenvolver o proposto, a temática abordada foi amparada por autores e historiadores da História da Infância, assim como, educadores, e estudiosos da psicologia, como também críticos da Literatura Infantil. Ao término dessa pesquisa, podemos afirmar que as brincadeiras encontradas nas obras aqui analisadas são bem significativas e comuns na infância. A escritora Ana Maria Machado traz a relevância do brincar infantil dentro de um contexto que envolve aspectos afetivos, educacionais, sociais e entre outros. Portanto, nessas narrativas, pelo meio do brincar as crianças (personagens) vivem experiências importantes que contribuem para sua formação humana.

Palavras-chave: Brincadeira; Infância; Literatura Infantil.

ABSTRACT

Through mooring between the statements on issues related to joke and Children's Literature, arrived to the object of this study, which has the theme: DAY OF RAIN, THE SHADOW PLAY, LET'S PLAY SCHOOL; DERA ABOUT ME: contributions to education from the place of play in childhood Ana Maria Machado. These two issues are very relevant and discussed in the education of children, as they allow the child to enter the world of the imagination, this is an essential activity for children and should be instigated because the imagination through play or the world of fiction found in Children's Literature are essential to child development. In this study, we aim to understand the games that are present in four works of Ana Maria Machado (Let's play school;? Wish I; Play Shadow Day and rain) and how the characters relate to them. The study conducted here used the method of content analysis of these four children's books devoted writer of Brazilian literature, Ana Maria Machado, as well as biographical and bibliographical surveys. To develop the proposed the theme discussed was supported by authors and historians History of Childhood, as well as educators and scholars of the psychology, as well as critics of Children's Literature. At the end of this research, we can say that the games found in the works analyzed here are very significant and common in childhood. The writer Ana Maria Machado brings the relevance of child play within a context that involves emotional, educational, social and other related aspects. Therefore, in these narratives, in the midst of playing children (characters) live important experiences that Contribute to their human.

Keywords: Play; childhood; Children's Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1	
INFÂNCIA, LITERATURA INFANTIL E ANA MARIA MACHADO	05
1.1 Transformações do conceito de infância ao longo da história e o surgimento de uma literatura especializada para a criança.	05
1.2 Literatura Infantil e Ana Maria Machado: recortes biográficos e bibliográficos	11
CAPÍTULO 2	
A RELEVÂNCIA DA BRINCADEIRA NA FORMAÇÃO HUMANA	21
2.1 Educação Infantil, imaginação e brincadeiras	21
2.2 A importância da brincadeira para formar identidades	30
2.3 Imagens, imaginação e literatura: leituras e análises	33
2.4 O lugar da brincadeira na Literatura Infantil	38
CAPÍTULO 3	
VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA; BRINCADEIRA DE SOMBRA E DIA DE CHUVA: onde estão as brincadeiras e o que constroem nos personagens infantis nestas obras.	41
3.1 Análise de conteúdo: significados nessa pesquisa	41
3.2 Análise de conteúdo em quatro obras de Ana Maria Machado: material de análise	44
3.3 Apresentação das obras selecionadas	45
3.4 Análise de conteúdo em quatro obras de Ana Maria Machado	47
3.4.1 <i>Vamos brincar de escola?</i>	48
3.4.2 <i>Quem me dera</i>	55
3.4.3 <i>Brincadeira de sombra</i>	63
3.4.4 <i>Dia de Chuva</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	84
Anexo A - Fotos biográficas de Ana Maria Machado	85
Anexo B - Cronograma das primeiras obras de Ana Maria Machado de acordo com Lajolo (1983, p.9)	90

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - TIPOS DO BRINCAR	28
QUADRO 2 – VERSOS DO LIVRO <i>VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?</i>	49
QUADRO 3 – VERSOS DO LIVRO <i>VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?</i>	51
QUADRO 4 – VERSOS DO LIVRO <i>VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?</i>	54
QUADRO 5 – VERSOS DO LIVRO <i>VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?</i>	54

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: CAPA DO LIVRO <i>VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?</i>	48
FIGURA 2: MACHADO (2005, P. 5-6)	51
FIGURA 3: MACHADO (2005, P. 07).	52
FIGURA 4: MACHADO (2005, P. 18).	52
FIGURA 5: MACHADO (2005, P. 19-20)	52
FIGURA 6: MACHADO (2005, P. 21-22).	53
FIGURA 7: CAPA DO LIVRO <i>QUEM ME DERA</i>	55
FIGURA 8: MACHADO (2010, P.4)	56
FIGURA 9: MACHADO (2010, P.7-8)	57
FIGURA 10: MACHADO (2010, P. 9-10)	57
FIGURA 11: MACHADO (2010, P.13-14)	58
FIGURA 12: MACHADO (2010, P. 24)	59
FIGURA 13: MACHADO (2010, P. 26)	60
FIGURA 14: MACHADO (2010, P.28)	60
FIGURA 15: MACHADO (2010, P.30)	61
FIGURA 16: MACHADO (2010, P.32-33)	61
FIGURA 17: CAPA DO LIVRO <i>BRINCADEIRA DE SOMBRA</i>	63
FIGURA 18: MACHADO (2003, P.1-2)	63
FIGURA 19: MACHADO (2003, P.4)	64
FIGURA 20: MACHADO (2003, P.7-8)	64
FIGURA 21: MACHADO (2003, P.12)	65
FIGURA 22: MACHADO (2003, P.13-14)	65
FIGURA 23: MACHADO (2003, P.5)	66
FIGURA 24: CAPA DO LIVRO <i>DIA DE CHUVA</i>	68
FIGURA 25: MACHADO (2002, P.1)	68
FIGURA 26: MACHADO (2002, P.4)	69
FIGURA 27: MACHADO (2002, P.11)	70
FIGURA 28: MACHADO (2003, P.13)	70
FIGURA 29: MACHADO (2003, P.18)	70
FIGURA 30: MACHADO (2002, P.20)	71
FIGURA 31: MACHADO (2003, P.24)	71
FIGURA 32: MACHADO (2002, P.26)	72
FIGURA 33: MACHADO (2002, P.23-24)	73
FIGURA 34: MACHADO (2002, P.18-19)	74

INTRODUÇÃO

A importância do brincar como uma das atividades essenciais para o desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança é enfatizado no segundo volume do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Formação Pessoal e Social, publicado pelo Ministério da Educação e do Desporto, em 1998, no Brasil. O ato de brincar é algo que está ligado à necessidade da infância, pois é especialmente nesta etapa da vida que a brincadeira é experimentada de forma constante e plena, onde habilidades importantes são estimuladas como a linguagem, a imitação, a memória, a imaginação, entre outras capacidades físicas e cognitivas.

As brincadeiras trazem contribuições notáveis na vida da criança através da interação no meio social em que ela vive. Podemos afirmar que esta atividade é indissociável à vida da criança e, conseqüentemente, ao seu desenvolvimento, onde se entende que a cultura lúdica faz parte do ser humano, desde o surgimento e evolução das civilizações (HUIZINGA, 1980).

Conectado à brincadeira, podemos também perceber a importância da Literatura Infantil como recurso artístico e pedagógico que possibilita a criança desenvolver as capacidades já citadas e, sobretudo, promover o interesse e prazer pela leitura e escrita. Estudando este gênero, percebemos rapidamente o quanto é expressivamente prazeroso e encantador, pois podemos encontrar nas suas narrativas, muitas brincadeiras, brinquedos e jogos. Através destes a criança se desenvolve, utilizando-se dos jogos de palavras, fazendo questionamentos comuns às outras crianças, os quais vão sendo modificados com a aprendizagem adquirida de forma espontânea e prazerosa que as descobertas proporcionam a partir da infância.

O gênero literário traz muitas vezes personagens infantis divertidos e até atrevidos, que faz a criança sonhar, e até se rever a partir do mundo fictício, mas que não deixa de ser real dentro dos aspectos que envolvem a infância.

O primeiro elemento que me veio à mente para realizar essa pesquisa foi brincadeiras na educação das crianças, justamente por perceber que a brincadeira é algo que está inserido no conceito de infância, e sabendo da importância de entender esta relação através das teorias do desenvolvimento infantil, onde o lúdico é um fator importante para tal, posso afirmar que este foi o meu primeiro interesse.

Já o meu interesse pela Literatura Infantil surgiu quando cursei o componente curricular “Ensino Língua Portuguesa Anos Iniciais Ensino Fundamental” no período

2011.2 e foi se intensificando a partir dos estágios supervisionados na Educação Infantil¹ e no 3º ano do Ensino Fundamental, onde realizamos projetos ligados à Literatura Infantil.

Nesse sentido, a união desses interesses foi de fundamental relevância para chegar ao objeto desse estudo, o qual objetiva compreender a brincadeira e a sua relação com os personagens, dentro das narrativas da Literatura Infantil, especialmente em obras literárias da escritora Ana Maria Machado. A pouca recorrência de estudos relacionados à literatura infantil, infância, educação infantil, também serviu de incentivo para desenvolver este estudo.

Cavalcanti (2002, p.16) nos ensina que [...] “a brincadeira e ‘o ouvir histórias’, consiste numa das realizações mais prazerosas, satisfatórias de que o homem é capaz”. Assim, ao ler algumas obras da Literatura Infantil brasileira, fui me identificando com as narrativas da escritora carioca Ana Maria Machado. Comecei, então, a buscar aquelas que tinham o lugar da brincadeira dentro dos seus enredos, por esse motivo optamos pelas obras: *Vamos brincar de escola?*; *Quem me dera*; *Brincadeira de sombra e Dia de chuva* para analisar o lugar da brincadeira no contexto das suas narrativas.

De acordo com Ramos (2006, p.17) Ana Maria Machado é uma consagrada escritora de livros para crianças, jovens e adultos, além de grande pensadora em relação à leitura e ao fazer literário. A autora tem grande destaque no cenário literário brasileiro e internacional². Seus personagens são sempre criativos, inesquecíveis e com enredos fascinantes. Suas obras penetram no mundo imaginário da criança, através das brincadeiras, dos jogos de palavras e da criação no ato de contar histórias.

Segundo Abramovich (1983, p.61) “os personagens infantis em Ana Maria Machado são bem aplaudidos e ouvidos e não punidas (com mais variada gama de castigos e até autopunições), por se atreverem a ter uma experiência vital.”

Ao apresentarem Ana Maria Machado, Pereira e Antunes (2004, p.7) concluem que:

¹Componente curricular: Estágio Supervisionado II – período 2011.2 – Projeto: “A hora do conto” –EMEI – cidade de Aracaju/Se.

Componente curricular: Estágio Supervisionado III –período 2012.1 – Projeto: “Descobrimos a nossa identidade”- EMEF na cidade de Aracaju/Se

² Sua valiosa obra já recebeu inúmeros prêmios literários, e é reconhecida não somente aqui, mas também no exterior. São mais de cem livros publicados no Brasil e em dezessete países. Ana Maria ganhou em 2000 o prêmio Hans Christian Andersen, considerado mundialmente o mais importante da literatura para crianças e jovens. Em 2003, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. (Machado, 2005) também em www.anamariamachado.com

[...] Afinal, trata-se de uma escritora muito lida por crianças, jovens e adultos e, ao mesmo tempo, reconhecida tanto pela crítica especializada quanto por entidades nacionais e internacionais do mundo das letras. [...] Por tudo isso, acreditamos que a escritora merece ser cada vez mais lida e discutida.

Podemos perceber que os críticos elogiam a autora Ana Maria Machado, onde declaram que suas produções literárias trazem em seus enredos, situações envolventes, que são bastante significativas em seu contexto, que encantam e enriquecem a nossa literatura, trazendo narrativas criativas, dentro da concepção do universo infantil.

O estudo aqui desenvolvido utilizou o método de análise de conteúdo nas quatro obras literárias já mencionadas e realizou levantamentos de referenciais bibliográficos impressos e eletrônicos. Para realizar esta pesquisa foi necessário verificar em quais cenários as narrativas literárias são desenvolvidas, analisar as personagens, o espaço, o recurso narrativo utilizado pela autora, tentando identificar os possíveis valores sociais e educacionais nas obras escolhidas de Ana Maria Machado.

A presente monografia tem o seguinte problema de pesquisa: quais brincadeiras estão presentes em quatro obras de Ana Maria Machado e como as personagens se relacionam com elas? Desta forma, temos como objetivo principal compreender as brincadeiras que estão presentes em quatro obras de Ana Maria Machado (*Vamos brincar de escola?*; *Quem me dera*; *Brincadeira de sombra e Dia de chuva*) e como as personagens se relacionam com elas. Já os objetivos específicos dessa pesquisa foram:

- Identificar as teorias que elucidam a importância da brincadeira para a educação da infância;
- Perceber o uso da brincadeira na Literatura Infantil de Ana Maria Machado;
- Destacar as contribuições de Ana Maria Machado para a Literatura Infantil;
- Apontar relações existentes entre a Literatura Infantil, brincadeiras e Educação Infantil.

Portanto, defendemos que os resultados deste estudo trarão contribuições para a produção de novas investigações científicas neste campo de pesquisa. Desta maneira, a relevância dessa pesquisa se justifica pela quase ausência de estudos nesta perspectiva, podendo, assim, propiciar maior conhecimento pessoal, científico e social acerca do objeto pesquisado.

Também podemos justificar a relevância do mesmo pelo fato que esse estudo possibilita um caminho que alude na formação dos profissionais que atuam na área da educação em geral e, em específico a Educação Infantil, pois percebemos que, através dos questionamentos e suas possíveis respostas aqui apresentadas trarão benefícios para professores e alunos em práticas pedagógicas que valorizem a imaginação, a criação e, sobretudo, o gosto pela leitura e pela escrita desde a infância.

No primeiro capítulo do nosso estudo buscamos uma síntese de estudos dos principais historiadores sobre a história da infância e da família. Autores como Ariés e Kuhlmann Jr. explicam os processos de transformação dos aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais que mudaram o sentimento do conceito de infância.

Tratamos também do surgimento de uma literatura específica para atingir as necessidades essenciais para o desenvolvimento infantil, análises feitas por teóricos da educação e da psicologia experimental. Procuramos também trazer resumos biográficos e bibliográficos de Ana Maria Machado, para discutirmos a importância dessa autora para a Literatura Infantil brasileira, como também mundial.

No segundo capítulo produzimos um estudo sobre a importância da brincadeira na formação humana. O brincar como uma atividade necessária para a infância e conseqüentemente uma atividade que não pode faltar no currículo da Educação Infantil. A brincadeira em todas suas formas é construtora de identidades, elemento vital para descobertas, sendo a imaginação o fundamento de todo o brincar. Inspirou-nos, também, leituras que discutem sobre imagens na Literatura Infantil e como a imaginação é estimulada a partir desses recursos artísticos. Também trazemos uma síntese dos principais autores da Literatura Infantil brasileira que valorizam o lúdico, a brincadeira, o humor e a imaginação infantil nas suas narrativas.

No terceiro capítulo expomos alguns conceitos da metodologia utilizada, que é análise de conteúdo e como se fez esse conjunto de técnicas nessa pesquisa. Como também apresentamos as obras selecionadas. No entanto, este capítulo discute a questão central da pesquisa, que se dá pela análise de conteúdo e a descrição das brincadeiras que aparecem nas quatro obras de Ana Maria Machado (*Vamos brincar de escola?*; *Quem me dera*; *Brincadeira de sombra e Dia de chuva*). E como as personagens relacionam-se com elas. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

CAPÍTULO 1 – INFÂNCIA, LITERATURA INFANTIL E ANA MARIA MACHADO

1.1 - Transformações do conceito de infância ao longo da história e o surgimento de uma literatura especializada para a criança.

O conceito de infância foi sendo modificado historicamente e, foi a partir do século XVII que as mudanças foram se concretizando, e então a infância começa a ser valorizada pelas suas necessidades próprias e deixa de ser a criança um “adulto em miniatura” como era compreendida socialmente antes (ARIÉS, 1981).

A história social da criança e da família analisada por Ariés explica como o conceito de infância que temos hoje foi construído. O fato das crianças serem tratadas conforme o modelo de adulto da época, onde elas se vestiam iguais aos adultos, participavam de reuniões, festas, saraus e danças, fizeram desse estilo de pensar e viver a infância. Segundo ARIÉS (1981, p. 51) “[...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido [...]”.

A fase da infância era irrelevante, ou seja, passava despercebida, pois não se tinha a consciência que esse período de desenvolvimento humano é especial, distinto, singular e vital para tal. Com isto, as crianças eram sujeitadas e moldadas para realizar as suas funções de acordo com o preparo social. Sua aprendizagem era adquirida pelas relações com os mais velhos, com os familiares e outros, porém sem a preocupação com as necessidades especificadas inerentes a essa primeira idade, conhecida como infância. Não havia o reconhecimento dos diversos cuidados necessários com a saúde, a segurança, o carinho, a educação e tantas outras. No entanto, não havia a preocupação com a criança pequena, que é biologicamente limitada como nos ensina Áries (1981, p. 36).

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras.

O autor KUHLMANN JR. (1998, p.16) afirma, também, esse significado de infância ao explicar que

etimologicamente, a palavra infância refere-se a limites mais estreitos: oriunda do latim, significa a incapacidade de falar. Essa incapacidade, atribuída em geral ao período que se chama de primeira infância, às vezes era vista como se estendendo até os 7 anos, que representariam a passagem para a idade da razão. [...] Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função de transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel.

Então, na sociedade moderna, entre os séculos XVI e XVII, surge um novo contexto, uma transformação nas relações sociais começa a se constituir, onde a criança passa a ter um desempenho fundamental dentro da sociedade. A família começa a se preocupar com as diferenças entre os pais e os filhos. Kuhlmann Jr. (1998, p. 18-19) concorda com Ariés (1981) ao afirmar que

o enfoque nos comportamentos e mentalidades é conhecido preponderantemente pelo livro de Ariés sobre a história da criança e da família. Ariés identifica a ausência de um sentimento da infância até o fim do século XVII, quando teria se iniciado uma mudança considerável. Por um lado, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação; a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, passando a viver uma espécie de quarentena na escola. Por outro, esta separação ocorreu com a cumplicidade sentimental da família, que passou a se tornar um lugar de afeição necessária entre cônjuges e entre pais e filhos. Esse sentimento teria se desenvolvido inicialmente nas camadas superiores da sociedade: o sentimento da infância iria do nobre para o pobre.

Kuhlmann Jr (1998) entende que o determinismo psicológico e a visão evolucionista do sentimento de infância não foram suficientes para acabar com os atrasos e as contradições que acontecem em nossa sociedade presente, quando são colocadas no passado as acusações daquilo que as crianças sofreram, sendo sujeitas às injustiças e às violências. Kuhlmann Jr. (1998, p. 32-33) conclui que a criança é sujeito histórico e que é preciso entender o que isso significa.

Para tanto é importante perceber que as crianças concretas, na sua materialidade, no seu nascer, no seu viver ou morrer, expressam a inevitabilidade da história e nela se fazem presentes, nos mais diferentes momentos. [...] As crianças filhas dos sem-terra, no ano de 1996, deram um exemplo dessa presença como sujeitos na vida social. [...] Os escravos, os sem-terra e suas crianças são sujeitos históricos

daqueles, como diria Benjamin, que do passado, ou do presente, produzem imagens que relampejam as centelhas da esperança, avivando em nós o desejo do voo livre das andorinhas.

Hoje temos consolidado nas políticas públicas do nosso país o conceito de criança como sujeito histórico e social, que constrói sua identidade e adquirir conhecimentos através das relações e sentimentos vivenciados em seu cotidiano. A exemplo, atualmente, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010, p.12), a criança é compreendida como

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Lajolo (1983) nos ensina que esse conceito moderno de entender a infância e a literatura direcionada a ela, surgiram na Europa dois séculos atrás. Nesta direção, Cademartori (1986, p.33) nos relata que foi no século XVII, que o Francês Charles Perrault inicia a predominante produção literária infantil, tendo como ponto de partida os contos (Cinderela e Chapeuzinho Vermelho) consagrados pelo público infantil por diversas eras. “Perrault coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil”.

No século XIX outra quantia de contos populares misturados ao mundo do imaginário é apresentada. Desta vez são os irmãos Grimm, na Alemanha, com os famosos (João e Maria, Rapunzel, entre outros) que abrem a seleta dos contos de fadas. Outros autores compõem este modelo da Literatura Infantil, que assim é conhecida mundialmente, como apresenta Cademartori (1986, p.33):

Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol Baum (O mágico de Oz), o escocês Jarnes Barrie (Peter Pan).

O aparecimento dessa literatura que elaborada desde sua origem, com adaptação dos contos populares, teve uma função utilitário-pedagógica, pois as histórias tinham pretensão de ser um veículo de converter a população aos novos ideais burgueses. “Talvez nesse momento tenha sido inaugurada a confusão que fortaleceu os laços entre

literatura popular e Literatura Infantil e que tem por base a aproximação de duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade” (CADEMARTORI, 1986, p.39).

Em nosso país a transformação do conceito de infância acompanhada de uma criação literária específica para atender às mudanças é recente. Surgiu no final do século XIX, quando o Brasil estava passando por uma transição de regime político, onde a recente proclamação da República traria novos olhares às necessidades de escolarização, de leitura, acreditando-se que seria a solução dos problemas brasileiro da época. Segundo LAJOLO (1983, p. 96),

a concepção da infância como fase transitória e da criança como ser frágil, que cumpre à família e à sociedade proteger e educar, é relativamente recente. Tal como conhecemos hoje, a criança é um conceito histórico, social e ideológico firmado por volta do século XVIII, época de afirmação da sociedade burguesa e da consolidação da escola e de um certo tipo de literatura chamada infantil.

Nesse percurso a Literatura Infantil no Brasil tem seu início marcado por obras de natureza pedagógicas, cujo material era elaborado através de adaptações de produções portuguesas, pois “o que havia em circulação era estrangeiro, do tema à linguagem” (Idem. Idem).

Segundo Zilberman (2003) essa etapa rudimentar da Literatura Infantil Brasileira é simbolizada especialmente por Coelho Neto, Alexina de Magalhães Pinto, Júlia Lopes de Almeida, Carlos Jansen, Figueiredo Pimentel, Tales de Andrade e Olavo Bilac. No entanto, a apropriada Literatura Infantil Brasileira tem início mesmo é com Monteiro Lobato, que tem a marca do diferencial em suas obras. Seus enredos interessam às crianças, conseguindo apreender a sua atenção e ao mesmo tempo traz a diversão para elas, pois como afirma LAJOLO (Idem, p. 97),

é só com Lobato que o projeto de uma Literatura Infantil brasileira começa a tornar-se viável: a terceira década do século XX (A menina do Narizinho Arrebitado é de 1921) já é um tempo de um Brasil mais moderno e menos provinciano do que o Brasil que Bilac pretendia despertar do berço esplêndido. O sucesso de Bilac podia dever-se à coincidência entre o tom de seus textos e as campanhas nacionalistas que iam pelo ar; o sucesso de Figueiredo Pimentel escolava-se na tradução de textos estrangeiros já consagrados pela tradição. É Lobato, em 1921, que dá o salto.

Monteiro Lobato traz a novidade para a Literatura Infantil Brasileira, baseada em dois planos: na linguagem e na ideologia. Suas obras são marcos de uma ruptura com o que havia antes dele. O conjunto delas expõe diversos conflitos sociais, políticos, econômicos e culturais, que são discutidos criticamente através dos enredos e seus personagens. A concepção crítica da “brasilidade” compromete-se com a verdade adotada por ele diante do leitor.

Para Coelho (1995) a história da Literatura Infantil Brasileira é dividida em três períodos vitais: os antecessores ou o período pré-lobatiano; a Literatura Infantil moderna ou o período lobatiano e a Literatura Infantil pós-moderna ou período pós-lobatiano. Com essa divisão entende-se a importância de Monteiro Lobato para a Literatura Infantil Brasileira. Foi através dele que os períodos históricos dessa arte foram marcados de forma fundamental para esse gênero, fazendo dele um padrão para a produção nacional.

A Literatura Infantil considerada por muitos como um gênero menor, fica esquecida desde a morte Lobato até os anos 70. Esta década é considerada pelos críticos como o *Boom* da Literatura Infantil, renovando-se a sua simpatia antes inserida pelo seu maior representante brasileiro, Monteiro Lobato. Ultrapassando a etapa dos antigos contos de fadas e suas narrativas moralistas, a Literatura Infantil nacional reencontrou a criança como ser crítico e perspicaz, trazendo de volta o mundo infantil, que é mágico, mas não alucinante ou alucinado, mas sim conseguindo atingir a milhares de crianças brasileiras, sendo esta um encanto.

Segundo LAJOLO (1983), a partir desse período, novos e capacitados autores foram aparecendo no cenário nacional, que se dedicaram a esse gênero, a exemplo de Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos e outros. Também nessa década, Ana Maria Machado publica, pela editora Abril, seu primeiro livro literário intitulado *Bento que bento é o Frade*, em 1977.

E segundo Coelho (1997), o contexto histórico da Literatura Infantil acompanha a concepção que se tinha de infância, onde a preparação para a vida adulta era a única preocupação da época com relação à criança, sem dar ênfase à importância às necessidades e suas fases. A Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário, com a função básica de distração e prazer para as crianças. A valorização da Literatura Infantil é bem recente, somente nos períodos lobatiano e no pós-moderno surgem críticas sobre as ideologias perpetuadas durante gerações.

A partir daí essa arte literária ganha um maior destaque pedagógico como formadora de consciência cultural, percorrendo assim as mudanças históricas, e novas descobertas foram sendo alcançadas pelos estudos da psicologia experimental como afirma Coelho (1997, p. 26-27).

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela psicologia experimental, que, revelando a inteligência como o elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. Revelou ainda que cada estágio corresponde a uma certa fase de idade. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. [...] Portanto, a valorização da Literatura Infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação de mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente.

Essa transformação da concepção de infância, fruto de transformações sociais e políticas, acrescidas dos estudos e da pesquisa no campo da psicologia experimental, como explicou Coelho (1997), nos alerta que houve então uma abertura para novos paradigmas educacionais a serem aplicados de acordo com a teoria do desenvolvimento infantil. Assim sendo, a literatura direcionada para o gênero infantil precisava se preocupar em atingir as especificidades necessárias para este novo modelo de infância em processo de construção e transformações.

Portanto, é na infância a primeira experiência de entrar em contato e compartilhar do mundo da ficção, tendo em consideração a descoberta da própria identidade, o que é primordial para o seu crescimento cognitivo. A Literatura Infantil nos ajuda a compreender esse processo de transformações do conceito de infância, através das mudanças políticas, econômicas, familiares, educacionais e sociais pelo contexto histórico. Por isso que Kishimoto (2008, p. 21), nos alerta que “atualmente, a imagem de infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil” (KISHIMOTO, 2008, p. 21).

1.2 - Literatura Infantil e Ana Maria Machado: recortes biográficos e bibliográficos

De acordo com a biografia de Ana Maria Machado encontrada no site³ oficial da autora e de estudiosos da literatura de Ana Maria como Marisa Lajolo (1983), Maria Teresa Gonçalves Pereira (2004), Eliana Yunes (2004), Anna Claudia Ramos (2006), Neuza Ceciliato de Carvalho (2004) e outros, podemos relatar os principais fatos históricos de vida e obra da autora pesquisada e aqui apresentada.

A escritora Ana Maria Machado é a primogênita do casal Mário de Souza Martins e Dinah Almeida de Souza Martins. Nascida na cidade de Santa Tereza, Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941, de acordo com as informações biográficas de Lajolo (1983). No entanto, o sobrenome Machado é uma herança do seu primeiro esposo, o médico Álvaro Machado.

Ana Maria Machado ao lembra-se de sua infância, declara que essa fase foi repleta de experiências felizes, que viveu momentos inesquecíveis, no meio familiar, escolar e com os amigos. Em suas férias escolares na casa dos seus avós Dona Rita e Seu Ceciliano, em Manguinhos no Estado do Espírito Santo. A menina Ana Maria era minada por eles, que gostavam muito de contar-lhe histórias. Quando saiam aos arredores da casa, a menina ia perguntando sobre tudo o que via, com isto, ela ia conhecendo um mundo, que existia tanto no mato, quanto na praia. Atualmente ao lembrar-se de Manguinhos, lugar aonde viveu temporadas memoráveis, ela faz semelhança ao sítio do Pica Pau Amarelo de Lobato. “Sítio como o do Pica Pau Amarelo, só que com mar na porteira” (MACHADO, 2013⁴).

De acordo com Souza (2011), Ana Maria Machado na sua infância aprendeu a ler antes de completar cinco anos de idade. Aliás, Ana Maria afirma que aprendeu a ler sozinha, deixando sua professora e sua mãe assustadas. Lembra que passava horas fazendo leituras de livros e revistas, e especial, *Reinações de Narizinho*, sendo o favorito dela. Depois teve uma adolescência cercada pela companhia de bons livros e de amigos que tinham o mesmo gosto pela leitura.

A minha adolescência foi repleta de livros, que me proporcionaram grandes prazeres descobertos. Ficava abismada com o jeito de escrever

³ Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 16 de julho de 2013.

⁴ Trecho retirado do site oficial de Ana Maria Machado. Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 03 de novembro de 2013.

de grandes autores e cronistas, como Rubem Braga. Na escola, em casa e com meus amigos, estava sempre rodeada de gente que também gostava de curtir a vida tendo bons livros ao seu lado (MACHADO, 2013⁵).

A leitura para ela lhe oferecia grandes prazeres e descobertas, e seu desenvolvimento com a escrita a tornou “escritora” aos doze anos de idade, sendo publicado seu primeiro texto *Arrastão*, pela revista folclore. Porém Ana Maria enfatiza em seu site, que a revista não publicou a idade da autora daquele texto, com isto a deixou muito contente.

Ao conhecermos a história desta autora, percebemos que sua educação foi prestigiada por um mundo de livros e leituras. Em todos os relatos de suas experiências, observamos o universo literário que a cerca, não só sua família, mas também na companhia dos amigos (SOUZA, 2011, p. 7).

Esse interesse pelo mundo das letras, das histórias que lia e ouvia através dos momentos vivenciados com seus familiares, na escola e com amigos, contribuíram claramente para o seu desenvolvimento, tanto afetivo, como educacional, cultural e profissional, como afirma a própria Ana Maria Machado sobre a importância de uma dessas experiências. Uma destas trata-se das temporadas vividas em Manguinhos, na casa dos seus avós, onde passava os meses de férias escolares. Assim, a escritora relata a importância desses momentos.

[...] Ficava quase três meses por ano à beira do mar, com meus avós, junto à natureza e às tradições. Como não havia eletricidade, todas as noites as pessoas se reuniam para contar e escutar histórias. [...]. Tenho certeza que sem os verões em Manguinhos eu escreveria bem diferente (MACHADO, 2013⁶).

Ana Maria por ser uma ótima aluna, recebeu elogios e diversos prêmios tanto na escola, como de seus familiares. Ela afirma que seus tios lhe presenteavam com livros. Isso, possibilitou-lhe acesso a uma variedade cultural, ajudando na sua formação de leitora e escritora. Ela vai ampliando essa variedade cultural, estudando pintura na Escolinha de arte do Brasil e em seguida no Museu de Arte Moderna.

⁵ Idem.

⁶ Trecho retirado do site oficial de Ana Maria Machado. Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 03 de novembro de 2013.

De acordo com Lajolo (1983) em 1960, Ana Maria passa no vestibular, pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje nomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como na época ela ainda não tinha ideia que curso escolher, acabou optando por Geografia. No entanto, ela acaba desistindo do curso por não se identificar com ele. Em 1964, pela mesma instituição, Ana Maria conclui o curso de Letras Neolatinas. E continua na Instituição onde fez sua especialização. “Nessa mesma instituição, especializou-se em língua e literatura espanhola. A autora tem seu currículo enriquecido por diversos outros cursos realizados no Brasil e na Europa” (SOUZA, 2011, p. 7).

Chegou a hora de fazer vestibular, e eu não tinha idéia de que curso escolher. Na dúvida entre química e arquitetura, acabei optando por geografia, pensando que aprenderia assuntos como geografia econômica ou entenderia de modo mais profundo a sociedade brasileira. Mas a faculdade me desapontou, com a exigência de muito conhecimento exato. Para mim, no fundo, nada disso importava ou teria utilidade. O que eu queria mesmo era trabalhar como pintora (MACHADO, 2013⁷).

Segundo Lajolo (1983, p.8) a vida profissional de Ana Maria começa a se direcionar para a literatura em 1968, como professora universitária. “Leciona Teoria Literária e Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Comunicação Fabular e Comunicação Icônica, História do Cinema e Televisão na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro”.

De acordo com Ramos (2006) é nesse mesmo ano que Ana Maria aceita o convite feito pela Editora Abril para escrever em sua nova revista (*Recreio*). Assim como convidou outros professores universitários de literatura, que não eram ainda escritores literários para também escrever para essa mesma revista que tinha como público alvo as crianças. “Ana Maria, Ruth Rocha e Joel Rufino, também selecionados, começaram a desenvolver as histórias que fizeram da revista *Recreio* uma campeã de vendas durante o final dos anos 1960 e início dos anos 1970” (RAMOS, 2006, p.18).

“Os textos escritos ali foram muito bem aceitos pelo público e Ana Maria Machado começou a mostrar seu trabalho e a encantar o público infantil, uma oportunidade que lhe abriu grandes portas como escritora” (MACHADO, 2011, [f. 2])

⁷ Trecho retirado do site oficial de Ana Maria Machado. Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 03 de novembro de 2013.

Apud SOUZA, 2011, p. 8). Nesse período a vida pessoal e profissional de Ana Maria Machado passa por consideradas mudanças. Como escreve a própria autora.

De repente, tudo ficou mais sério. Me formei e fiz mestrado, casei com o médico Álvaro Machado, mudei de sobrenome e de cidade, indo para São Paulo. Passei a escrever artigos para a revista Realidade e a Enciclopédia Bloch, além de traduzir textos e continuar pintando. Nesse período nasceu meu primeiro filho, Rodrigo. Também ganhei uma amiga para a vida toda, a escritora Ruth Rocha, que virou minha cunhada (MACHADO, 2013⁸).

De acordo com Lajolo (1983) foi no ano de 1970 que Ana Maria Machado viajou para a Europa depois de ter sido presa juntamente com amigos, sendo exilada na França, enquanto seu país estava passando por uma situação política precária, com desordem social. No ano seguinte nasce seu segundo filho, Pedro. Ana Maria Machado descreve a sua experiência na Europa.

Estava com dois filhos pequenos em um país estranho, tinha o trabalho, a tese e a casa para cuidar. Mesmo assim, não parei de escrever as histórias infantis. Já estava definitivamente viciada em escrevê-las. Quando não as mandava para a revista Recreio publicar, guardava na gaveta o que escrevia. Surgiu uma oportunidade e fui para Londres, trabalhar na BBC (MACHADO, 2013⁹).

Durante sua morada na Europa, com dois filhos ainda pequenos, Ana Maria Machado não para de escrever histórias infantis, além de trabalhar, frequentar cursos e também escrever sua tese como nos afirma Lajolo (1983, p. 08).

Frequenta o curso de Linguística e Semiologia do Cinema com Christian Metz, o de Semiologia foi com Umberto Eco, A. J. Greimas, e Claud Bremond. Defendendo sua tese de doutorado sob orientação de Roland Barthes e G. Genette, intitulada “Leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome dos seus Personagens”. Leciona Português na Sorbonne.

Somente em 1972 que Ana Maria retorna ao Brasil “e deu continuidade a sua carreira de jornalista, trabalhando para jornal do Brasil e pela radio JB, onde foi chefe de radiojornalismo durante sete anos” (SOUZA, 2011, p. 9).

⁸ Trecho retirado do site oficial de Ana Maria Machado. Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 03 de novembro de 2013.

⁹ Idem.

É no ano de 1977 que a autora publica seu primeiro livro *Bento que Bento é o Frade*. Recebe prêmio e depois outro livro importante para a literatura infanto-juvenil *História Meio ao Contrário* publicando em 1979, recebe o prêmio de João-de-barro, que nesse momento era um texto inédito. No ano seguinte recebe outro prêmio: O Jabuti.

Ziraldio em o Pasquim (1977) deixou sua crítica sobre o livro *Bento que bento é o frade* escrevendo o seguinte comentário:

Um livro de deixar a gente cheio de esperança: afinal podemos fazer boa Literatura Infantil no País. O texto é bom de ler, fluente, sem diminutivos bobocas, tratando criança como criança gosta de ser tratada, com respeito. Aí vem prêmio que não acaba mais. A Ana vai ver o que é bom pra tosse: vai passar anos visitando colégios, onde os meninos estarão fazendo trabalhos sobre os seus livros (ZIRALDO, 1977 Apud MACHADO, 2003, [Orelha do livro]).

O Jornal de Letras de 21/08/1977 escreve a seguinte crítica sobre este primeiro livro de Ana Maria Machado.

Uma delícia, onde a autora, a par de uma estilística excelente (e que importância isso tem no livro para crianças!) dá ao público leitor uma obra riquíssima de beleza, imaginação, compreensão do que é uma criança e de como se deve escrever para elas. Num cotidiano onde não faltam o onírico, o coloquial, o folclórico (MACHADO, 2003, p. 09).

Coelho (1995) apud Machado (2003, p. 10) também escreve sobre a mesma obra de Ana Maria Machado, *Bento que bento é o frade*, afirmando que o livro traz visões de uma situação vivenciada na época, pois apresenta “Experiências humanas ligadas a descobertas feitas em conjunto; questionamento do autoritarismo arbitrário; espírito de cooperação e confraternização [...] são transmitidos à criança através de situações divertidas e criativas. Muito bom”.

O livro *História meio ao contrário* por duas vezes premiados traz uma inversão dos valores correntes das tradicionais histórias infantis, com personagens típicos dos contos de fadas, uns mais marcantes, outros menos, como rei, rainha, princesa, pastora e gigante, com isso, nessa narrativa esse costume é questionado e é reescrita a história. “O ponto de partida é o arbítrio do rei que, pretendendo interferir no ciclo dia/noite,

mobiliza o reino. Uma vez conscientizado, o povo dá uma lição de liberdade e solidariedade” (LAJOLO, 1983, p.10).

Seu primeiro livro a explodir entre leitores pequenos foi *história meio ao contrário*, que brincava intertextualmente e no eixo da paródia com os contos de fada, em um caminho que Chico Buarque, Ruth Rocha, Pedro Bandeira, entre outros; valorizariam; por outro percurso, Marina Colasanti traria de volta príncipes e donzelas, sem menor chance de patrulhamento pelos neo-iluministas (YUNES, 2004, p. 27).

Pereira (2004, p. 140), indaga que “os personagens de Ana Maria Machado são, muitas vezes, atraídos pela linguagem no que possa apresentar de lúdico ou poético, o que explica o aparecimento do trocadilho, da paródia, do *nonsense* nas histórias”.

Ana Maria Machado, em 1979 abre no Rio de Janeiro uma livraria especializada em Literatura Infantil. A Livraria Malasartes. Porém, ela percebeu que seu negócio era escrever e não gerenciar um comércio de livros.

Em 1983, nasceu Luísa. No mesmo ano, tomei coragem e publiquei meu primeiro romance para adultos, "Alice e Ulisses", muito bem recebido pela crítica. Ao mesmo tempo, meus livros foram começando a ser traduzidos no exterior, primeiro nos países escandinavos e, em seguida, na Alemanha, na França e na Espanha. Paralelamente, fui passando a fazer palestras para professores pelo interior do Brasil e desenvolvi cursos e seminários sobre promoção de leitura no exterior (MACHADO, 2013¹⁰).

E seu caminho como escritora da literatura brasileira foi consolidado e com tamanha força e reconhecimento que no ano 1993, Ana Maria Machado se firma como HORS-CONCOURS¹¹ dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Para Silva (2004, p.123.) “Ana Maria Machado é uma digna representante do final do século XX, pois retrata em sua obra as diversas faces e valores da cultura ocidental nesse momento histórico”.

¹⁰ Trecho retirado do site oficial de Ana Maria Machado. Disponível em www.anamariamachado.com. Visitado em: 03 de novembro de 2013.

¹¹ Segundo o site de buscas Wikipédia **Hors Concours** é uma nomenclatura de origem francesa, (pronuncia-se: *ór concur*) significa: *fora da competição, fora do concurso*. O termo é usado para algo excepcional que vai ser apresentado numa exposição, num concurso, sem estar competido com os demais, sendo, apesar da subjetividade, considerado de qualidade superior. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Hors_concours> acesso Jan/2014.

E de acordo com Silva (2004) no livro *De olho nas penas*, Ana Maria Machado debate sobre a superioridade do homem diante de seus semelhantes, nos períodos da ditadura, da colonização, da escravidão, momentos distantes no tempo, outros mais próximos – o livro é de 1981. “Premiado no concurso Casa de las Americas (Cuba), em 1981, este livro também recebeu prêmios e menções honrosas no Brasil” (LAJOLO, 1983, p.69).

De olho nas penas não se refere apenas às penas de um pássaro, mas às penas do mundo, das injustiças sociais. [...]. Ana Maria aborda um assunto dito adulto, a questão da política do exílio, pelo ponto de vista da criança, estabelecendo um excelente contrato de comunicação com seu leitor. E faz isso sem menosprezar a inteligência da criança. Não é à toa que ela utiliza os artifícios do imaginário para dar corpo a essa história (RAMOS, 2006, p. 151-152).

Ainda de acordo com Silva (2004) Ana Maria Machado em suas obras: *De olho nas penas*; *Era uma vez um tirano*; *Bisa Bia, Bisa Bel*; *Mandingas da Ilha Quilomba*; *Esta casa é minha e Do outro lado tem segredos*, fez críticas sobre as questões políticas e sociais, tanto dos tempos mais remotos, como dos tempos mais recentes. Nessas obras, ela acompanha as transformações vivenciadas no Brasil e no mundo. Questões como o autoritarismo arbitrário, a condição feminina por diversas gerações, o trabalho escravo, o preconceito, a preocupação com o meio ambiente no final do século XX e tantas outras, mas de um jeito humorado e divertido e, ao mesmo tempo com responsabilidade social. Isto faz com que sua literatura seja rica de intenções, pois apesar da determinada faixa etária do gênero literário, as suas narrativas são atraentes para todas as idades.

De acordo com LAJOLO (1983), Ana Maria faz uma literatura envolvida com a nossa realidade histórica e social, não deixando jamais de trazer para suas obras a fascinação que tem a imaginação infantil. Estimula sua liberdade e raciocinando com os pequenos leitores abeirar-se das ciladas e também das sutilezas da linguagem, isto de forma lúdica e elaborada, ela entende a criança como um ser esperto e pensante.

A vasta produção de Ana Maria Machado para crianças e jovens, iniciada no final da década de 1960, apresenta temas variados e dirige-se às diferentes fases de desenvolvimento da infância e da juventude, pode ser lida também pelos adultos, pelo que oferece de crítica social (CARVALHO, 2004, p.68).

Ramos (2006) entende que à medida que estudamos a obra de Ana Maria Machado, nos perguntamos a respeito da sua concepção sobre Literatura Infantil? Em seu livro *Contracorrente, conversas sobre leitura e política*, a autora Ana Maria Machado concebe a Literatura Infantil como uma arte da palavra destinada às crianças, que encanta pela sua beleza e por trás desta bela arte existe todo um trabalho estético, com qualidade e expressão poética e não tem relação com livros para criança que se propõem a ser Literatura Infantil, porém não são.

No caso da Literatura Infantil, porém, referimo-nos àquela que pode ser lida por crianças, o que aumenta o campo semântico coberto pelo substantivo literatura, que normalmente não inclui a noção de que abarca obras ao alcance de leitores mais jovens. Nada tem a ver com livros para crianças. Tem a ver com literatura, arte da palavra, beleza, ambiguidade, polissemia, qualidade de texto, aquilo que Roman Jakobson chamou de a função poética da linguagem (RAMOS, 2006, p.15 apud MACHADO, 1999, p.13).

Ana Maria Machado traz o cotidiano das crianças para suas histórias infantis. É bem realista dentro da situação econômica, histórica e cultural de nosso país. Ela gosta de trazer a figura dos avós das crianças personagens. A família e a educação estão interligadas, como também a brincadeira, o brinquedo, os jogos, a leitura e as cantigas dentro de uma mistura imaginativa, fantasiosa e realista.

Este estilo da Ana Maria Machado se assemelha com a maior referência da literatura infanto-juvenil brasileiro, Monteiro Lobato. Sendo ele ainda hoje muito reconhecido e pesquisado, por ter muito que dizer sobre o pensamento infantil, seus questionamentos, sua imaginação e tantas outras capacidades.

Filha diletta, embora dotada de estilo personalíssimo, Ana segue a tradição labotiana de escrever histórias que seduzem, vazadas numa linguagem saborosa sem deixar de mostrar a preocupação com as mazelas do seu país e com as dores do mundo (PEREIRA, 2004, p.138).

Pereira (2004) expressa muito bem essa herança crítica labotiana transmitidas às novas gerações de autores pós-modernos da literatura infanto-juvenil. Ana Maria Machado acompanha essa tendência labotiana, porém, sem deixar de ter seu próprio jeito de fazer e pensar a literatura, como uma arte prazerosa e ao mesmo tempo instrumento de questionamento diante de situações sociais preocupantes.

Nos anos 70 do século XX, o esforço de Monteiro Lobato, que escreveu sua obra infantil entre 1920 e 1948, amadurece seus frutos: a irreverência da sua obra, a solidariedade que ela estabelece com o mundo infantil, a inteligência tantas vezes irônica de seu diálogo com os leitores (inclusive os do século XXI), o esforço empreendido para *desliterarizar* sua literatura, a irrestrita e corajosa luta por suas crenças, e seu engajamento na construção de um Brasil melhor encontram herdeiros nas novas vozes das quais a de Ana Maria Machado é emblema, com sua obra vasta e variada (LAJOLO, 2004, p.16).

Yunes (2004, p.24), sintetiza a vida e obra de Ana Maria Machado com a seguinte declaração:

Com a habilidade de leitora sagaz, de mundo e de múltiplas linguagens – a das imagens, a da cultura, a das relações humanas e a dos livros –, realizou uma obra de vida e arte que culminou com prêmios inúmeros, dentro e fora do Brasil, coroados pelo Hans Christian Anderson, em 2000, e pela entrada solene na Academia Brasileira de Letras, recentemente. [...]. Sua obra transita entre os melhores ilustradores e editores do país; seus críticos, mesmo os agudos, reconhecem sua escrita como propulsora da relação amorosa de crianças com livros, indo a até a experiência como livreira. E ela conta com admiradores pequenos e grandes, por toda esta América Latina e Europa. Tudo isso em pouco mais de trinta anos de carreira, iniciada inintencionalmente ao responder a um pedido de Ruth Rocha, para escrever um conto para a revista *Recreio*, no final dos anos 60.

Segundo informações do seu site oficial, Ana Maria Machado, que completou 40 anos de carreira em 2011, é escritora, tradutora, jornalista, professora e pintora. Divulga que ela está vivendo atualmente no Rio de Janeiro e tem escritos mais de 100 livros publicados no Brasil e em mais de 18 países, somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Durante sua carreira como escritora ela recebeu diversos prêmios importantes que reconhecem a sua importância para a literatura brasileira, que ultrassou fronteiras, tornando-se conhecida também em outros países.

Benevides (2004, p. 90) traz a seguinte informação sobre as obras dessa autora: “Embora escreva para crianças desde 1969, o primeiro livro só saiu em 1977 – *Bento que bento é o frade*. E então suas histórias para aquele público, somadas aos juvenis, hoje chegam a mais de 150 títulos”. Já Ramos (2006, p.18) traz as conquistas recentes da autora que a consagrou ao afirmar que

Ana Maria se consagrou como uma das maiores escritoras da LIJ [Literatura Infanto-Juvenil] brasileira, tendo ganho, em 2000, o Prêmio Hans Christian, considerado o prêmio Nobel da literatura mundial. Em 2001, recebeu da Academia Brasileira de Letras o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. E, em 2003, foi eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, substituindo o Dr. Evandro Lins e Silva. Pela primeira vez, um autor com uma obra significativa para o público infantil e juvenil foi escolhido para a Academia.

Segundo Lajolo (2004) Ana Maria Machado tem hoje uma bibliografia completa que inclui tanto livros para crianças bem pequenas até livros de ficção para adultos, como também traduções de tradicionais contos literários mundiais. E atualmente ela experimenta no ensaio, retornando a sua formação em Letras e sua remota tese sobre Guimarães Rosa, *O recado do nome*.

Para Silva (2004 p. 134-135) Ana Maria Machado se faz merecedora de ganhar o maior prêmio mundial da literatura para crianças, o Hans Christian Andersen, em 2000.

Uma rápida visão por uma pequena parte de sua obra é o bastante para comprovar o seu valor e dar a todos nós a certeza de que o Prêmio Hans Christian Andersen foi amplamente merecido e de que as crianças e os jovens leitores brasileiros são privilegiados em terem uma tal escritora proporcionando-lhes prazerosos vôos de imaginação.

Para concluirmos esse tópico trazemos uma citação de Ramos (2006, p.55), onde analisa o artigo de Ana Maria Machado “Palavras e saúde”.

A arte oferece inesperadas possibilidades de ser e viver outras vidas. E a criança que brinca de faz-de-conta também encontra outras possibilidades de ser e viver, pois, pela ficção e brincadeira, podemos viver outras vidas, reinventando a nossa própria história. Puro encantamento da arte e da brincadeira.

Em suas análises podemos inferir que a obra de Ana Maria expressa o poder da imaginação através da criação literária, formando o gosto, o prazer, o aprendizado na e pela literatura na infância e para todas as fases de desenvolvimento e idades.

CAPÍTULO 2 – A RELEVÂNCIA DA BRINCADEIRA NA FORMAÇÃO HUMANA

2.1 - Educação Infantil, imaginação e brincadeiras

Para iniciarmos a discussão sobre a Educação Infantil relacionando-a com elementos inerentes da infância, como a imaginação e as brincadeiras, buscamos alguns pontos históricos que nos levam a entender o surgimento das instituições educacionais infantis que advém das transformações históricas, políticas, econômicas, sociais, culturais e pedagógicas.

De acordo com Oliveira (1996), o nascimento do pensamento pedagógico moderno nos séculos XVI e XVII impregnando-se do pragmatismo tecnicista e do desenvolvimento científico ocorrido com a expansão mercantilista, criou novas perspectivas educacionais, que terminaram repercutindo na educação de crianças pequenas.

Kuhlmann Jr. (1998) produz uma abordagem histórica sobre infância e Educação Infantil. Para o referido autor, as instituições pré-escolares no contexto mundial tiveram sua distribuição a partir da segunda metade do século XIX. Se recorrermos à concepção de infância, podemos identificar que as pesquisas científicas trouxeram grandes contribuições para a compreensão da importância do atendimento educacional a crianças de 0 a 6 anos de idade, como fator essencial para o desenvolvimento infantil. Com isso, foi formado um novo entendimento em relação ao que seja assistência, trazendo a concepção de “assistência científica”.

No contexto histórico do Brasil foram vários interesses de formar as instituições pré-escolares, as creches, as escolas maternas e outra instituição com influência européia, os jardins de infância, tendo como base o campo da assistência à infância, com interesses empresariais e políticos. E outros profissionais como os médicos, professores e também religiosos que buscavam o atendimento de crianças em instituições sendo estas com fins filantrópicos.

Com relação à implantação de instituições com finalidade exclusiva à assistência e proteção à infância partem de um resultado de interesses planejados nas esferas empresariais, políticas, judiciais, médicas, pedagógicas e religiosas. Então, essa articulação estava “em torno de três influências básicas: a jurídico-policial, a médico-

higienista e a religiosa”. (KUHLMANN Jr., 1998, p.81).

Em consequência desses interesses não concretizados de fato para todos, surgiram outros movimentos, com a pressão das mulheres que tiveram a conquista do trabalho profissional, e com a maternidade, a questão da infância e seus cuidados e proteções tiveram também grande participação na criação das instituições de Educação Infantil, ao que se refere às instituições assistencialistas. Somente então, depois de muita luta, a educação aqui no Brasil passou a ser pensada como dever do Estado e direito de todos, ou seja, nos últimos cinquenta anos a educação é encarada nesses termos.

É na década de 80, que podemos considerar o tempo mais relevante, ou seja, o marco legal no Brasil em termos de concepção de criança e de infância. Com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do adolescente. São políticas com novas concepções de infância, como nova conquista da legislação brasileira, conhecendo a criança como sujeito de direitos.

Dentro de todos os processos históricos decorrentes no Brasil, acabou sendo resultantes na Lei 9394/96 – Lei de diretrizes e Bases da Educação- LDB, a qual apresenta a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica. Garantindo em lei o direito a todas as crianças de 0 a 6 anos a ingressarem nas instituições de Educação Infantil, a LDB 9394/96 - Seção II Da Educação Infantil declara que:

Art. 29º. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013), em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A Educação Infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

De acordo com a Lei nº 12.796 de 2013 a Educação Infantil atende atualmente crianças de 0 a 5 anos. O ensino em toda Educação Infantil tem como fundamentação a função pedagógica de favorecer o desenvolvimento infantil integral, com a aquisição de conhecimento. Para compreendemos a fundamentação do desenvolvimento infantil na contemporaneidade, os estudos de psicólogos e educadores nos trouxeram contribuições importantes, onde nos possibilitaram maior entendimento de como a criança constrói seu conhecimento.

Assim, afirma Kuhlmann Jr. (1998, p. 18) no trecho abaixo:

No campo da história da educação, além da história das instituições educacionais, a história do discurso pedagógico, a partir do estudo de autores como Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, entre outros, traz uma importante contribuição à história da infância.

Os conhecimentos teóricos sobre o desenvolvimento infantil são de grande importância para toda a prática pedagógica, associados ao cotidiano da prática pedagógica na Educação Infantil. Kuhlmann Jr. (1998, p. 17) traz a seguinte consideração sobre a interligação existente na história social da infância com o imaginário.

Cambi e Ulivieri consideram que há dois grandes setores da história da infância, compostos pela história social da infância – que estuda as suas condições de vida, as instituições, as práticas de controle, a família, a escola, a alimentação, os jogos, a vida material e social –, e o segundo, envolvendo os aspectos mais diretamente ligados ao imaginário, que trata de colher as mudanças que intervêm na história das mentalidades em relação ao fenômeno da infância, as diversas atitudes que se externam nos documentos como as obras de arte, as reflexões filosóficas e pedagógicas, etc. Defendem que esses dois aspectos não podem ser trabalhados isoladamente. Torna-se necessário caminhar em direção a um entrelaçamento da história social com a do imaginário.

Em Smith (2006, p. 27) encontramos a concepção sobre a importância de “explorar” na educação da infância o elemento da imaginação, pois o mesmo favorece a criança seu potencial criativo. “Muitos teóricos e educadores acreditam que a experiência do brincar é a maneira ideal de desenvolver a criatividade e a imaginação”.

Entendida como uma atividade comum em qualquer lugar do mundo, a brincadeira é achada em diversos agrupamentos humanos, em todos os contextos históricos, envolvendo o alargamento tanto econômico, como social e cultural dos diversos povos, em tempos decorrentes desde a evolução humana.

Contudo, as brincadeiras não foram estáveis no decorrer dos tempos, elas passaram por transformações, assim como, não existiam a diversidade de brinquedos e atividade lúdica que hoje conhecemos. Também sabemos que embora o brincar seja uma atividade própria da criança em qualquer tempo ou espaço, não foi sempre que a brincadeira foi vista com tamanha importância como se tem hoje nas propostas para a

educação da infância.

Recordando-se ao início das civilizações é desde a Antiguidade que as crianças compartilhavam de diferentes formas de recreação, assim como, as brincadeiras tradicionais, os jogos, a dramaturgia e tantas outras atividades lúdicas (WAJSKOP, 1995). Desde a pré-história que as atividades do brincar já eram presente no cotidiano das crianças, pois a sua existência em diversas culturas foi registrada através de marcas de brinquedos infantis encontrados.

Foi em específico no Egito e na Grécia, que foi constatado através dos registros históricos, o elemento lúdico presente também nas atividades recreativas e educativas dos adultos, sendo a família responsável pela educação dos filhos, transmitindo ensinamentos em relação aos ofícios da arte, assim como, qualquer atividade humana, o brincar se estabelece pela interação, por diversos motivos determinantes na história, ou seja, pelas transformações culturais e tecnológicas construídas pela ação dos indivíduos decorrentes das pesquisas e produções desenvolvidas através dos tempos.

Também os brinquedos como os diversos tipos de recreação são sempre modificados. É desde os tempos distantes que se sabe da existência do brincar, fazendo parte da vida das pessoas, mas é no início do século XVII e meados do século XIX, que psicólogos, estudiosos e pedagogos trazem o Brincar como um elemento importante e imprescindível para o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

O brincar não era visto como valioso em termos educacionais quando as escolas de Educação Infantil inicial começaram a ser introduzidas na Europa Ocidental nos séculos XVIII e XIX. [...] Entretanto alguns autores e educadores – como o escritor tcheco Comenius, o escritor suíço Rousseau e os primeiros reformadores sociais e educadores, como Owen (Reino Unido), Pestalozzi (Suíça), Froebel (Alemanha) e Montessori (Itália) – começaram a enfatizar o valor do desenvolvimento espontâneo da criança e a imagem da criança como naturalmente boa. Desse ponto de vista, o brincar espontâneo era considerado como tendo certa importância. Além disso, o valor do envolvimento ativo dos professores era frequentemente enfatizado, embora com considerável variação nos tipos de atividades recomendados (SMITH, 2006, p. 28).

Smith (2006), explica que o *etos do brincar*, é uma avaliação singular, muito intensa do que vem a ser o brincar livre (espontâneo), e ainda afirma que tudo indica que esse termo pode ter sido originado por causas diversas. Pode ter surgido por aspectos teóricos, dentro de abordagens da psicanálise, onde traz o brincar como função expressiva de emoções e que também produz conflitos pessoais internos e externos.

Outra ciência, que também contribuiu neste sentido, foi a biologia evolutiva, a qual indica que o valor do brincar tem grande importância para todas as espécies mamíferas.

Também sugere que mudanças socioeconômicas (como redução da taxa de mortalidade infantil, famílias cada vez menores, separação de trabalho e vida doméstica, a mulher no mercado de trabalho, aumento na produção industrial de brinquedos e jogos infantis) na Europa Ocidental e na América do Norte induziram a uma maior consideração de que as crianças é um grupo distinto, com várias necessidades divergentes a dos adultos.

Nós agora sabemos que o brincar – no sentido de “fazer alguma coisa”, quer com objetos materiais quer com outras crianças e de criar fantasias – é vital para a aprendizagem das crianças e, portanto, vital na escola. Os adultos que criticam os professores por permitir que as crianças brinquem não sabem que o brincar é o principal meio de aprendizagem na primeira infância. (The Plowden Report, DES, 1967, p. 193 apud Smith (2006, p. 29).

Moyles (2006), ao justificar o brincar em contextos educacionais, questiona se o brincar realmente é capaz de elevar o padrão da educação inicial. Então, reuniu autores que trazem evidências que mostram experiências curriculares baseadas no brincar que deram resultados importantes em relação à elevação dos padrões na Educação Infantil e posterior. Autores de diversos campos de estudo enfatizam a força do brincar na formação satisfatória da criança na infância, mas não é possível afirmar que exista uma única abordagem nem a mais correta. O brincar se estabelece de diversificadas formas, pois segundo SMITH (2006, p. 28-29),

Montessori, por exemplo, priorizava as atividades do brincar construtivo, com o uso de materiais especificamente planejados, mas não incentivava o brincar de faz-de-conta ou o jogo simbólico. Uma atitude ainda mais positiva em relação ao valor do brincar espontâneo e do brincar dramático ganhou destaque no século XX, especialmente no período de 1930 a 1970. Pelo menos no que concerne a muitos teóricos da educação inicial da Europa Ocidental. O brincar espontâneo passou a ser visto não só como importante, mas também como componente essencial do desenvolvimento social e intelectual da criança, de seu desenvolvimento criativo e pessoal. Esse ponto de vista pode ser visto como o *etos do brincar*.

Smith (2006, p.29) completa defendendo a seguinte conclusão: “O princípio de que as crianças aprendem por meio do brincar e que as atividades do brincar devem

fazer parte dos programas curriculares da primeira infância é aceito entre educadores na maioria dos países”.

No entanto, ainda existem contradições entre a concepção dessa importância por parte dos professores e profissionais da educação e suas práticas. Há praticamente consenso que a brincadeira e toda atividade lúdica é importante para o desenvolvimento integral da criança, porém é ainda difícil para a maioria dos professores proporcionarem a criança o espaço, o tempo, os materiais e a estimulação para a brincadeira, seja ela, imaginativa, artística ou livre.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 18), trazem a importância da brincadeira dentro da elaboração da proposta pedagógica para as Instituições de Educação Infantil. As interações e a brincadeira fazem parte do seu objetivo e sendo estes elementos norteadores para os eixos do currículo, pois é através das interações e da brincadeira que poderá ser garantidas as crianças outras experiências¹².

O objetivo da proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil é garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, volumes 1, 2 e 3 (BRASIL, 1998) são entregues as instituições que compõem a Educação Infantil, como as creches, entidades equivalentes e pré-escolas. Estes referenciais associam a uma série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação e do Desporto. Tendo esses documentos o encargo de garantir as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96).

¹² Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - Item 11 – Práticas Pedagógicas Educação Infantil – Eixos do Currículo. “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e Garantir experiências que: Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; [...]; Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;[...]” (BRASIL, 2010, p.25).

Analisando-se também as condições das crianças nos aspectos emocionais, afetivos, socioeconômicos e cognitivos das crianças de zero a seis anos, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução - volume 1, declara como um dos princípios fundamentais “o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão de pensamento, interação e comunicação infantil” (BRASIL, 1998 p.13).

Curtis (2006, p.39) traz um marco mundial com relação a esse princípio ao afirmar que “o direito da criança ao brincar foi universalmente aceito na Declaração das Nações Unidas dos Direitos da Criança em 1959 (seção 7) e reiterado em 20 de novembro de 1990, quando as Nações Unidas adotaram a Convenção dos Direitos da Criança”.

E sobre o Brincar o referido documento reafirma sua importância para o desenvolvimento infantil. Interpretando essas considerações citadas neste Referencial, entendemos que a brincadeira é uma atividade rica para a aprendizagem da criança e para o seu desenvolvimento. Então, as brincadeiras e as interações nas instituições devem ser ricas de experiências.

A brincadeira é algo que não sai do plano da imaginação. Ao brincar a criança tem o comando da linguagem simbólica, havendo consciência da distinção entre a brincadeira e a realidade. Ao abraçar outros papéis na brincadeira, as crianças agem em relação à realidade de maneira não rigorosa, ou seja, modificando temporariamente sua identidade e seus atos cotidianos por ações e predicados do papel assumido na representação, substituindo também objetos por diversas coisas imagináveis.

A brincadeira beneficia a auto-estima das crianças, fazendo com que a criança vá além, amparando-as em suas aquisições formas criativas de superação. As crianças ao brincar vão modificando seus conhecimentos já adquiridos, formando novos conceitos. Ao tomar um papel numa brincadeira, ela deve ter conhecimento de alguma característica, que se remete a alguém ou a algo que conhece pelas experiências vividas tanto na família ou em outros ambientes.

As brincadeiras imaginativas tem grande significado, pois é a própria criança a criadora. É, portanto, nessa brincadeira que são melhores ampliados os pensamentos das crianças em resolver problemas, criando-se um ambiente no qual elas podem internalizar uma concepção especial sobre afetividade, pessoas e vários conhecimentos e, assim, percebem o mundo.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experimentos que são distintos, que implica pelo uso do material escolhido ou dos recursos existenciais. São

agrupadas em três modalidades fundamentais: brincar de faz-de-conta (avaliado como básico pela qual se produzem as outras), brincar com materiais de construção e brincar com regras (SMITH, 2006).

Na instituição infantil, temos o adulto, na pessoa do professor responsável por auxiliar e ao mesmo tempo estruturar o espaço para as crianças poderem brincar. O professor precisa compreender que é na brincadeira, que as crianças recriam e firmam seu conhecimento em seus mais diferentes campos, em uma atividade livre e imaginativa.

Segundo Kitson (2006) Piaget observou o brincar imaginativo fazendo comparação aos termos assimilação e acomodação, com seu conhecimento teórico de “esquema” (um conjunto de conceitos associados) ao quais novas opiniões e novas semelhanças de ideias constatadas são combinadas por meio de experiências. Ele conceituou essa ação de assimilação.

De acordo com Smith (2006) Piaget diferencia o brincar em três tipos: brincar prático; brincar simbólico e jogos com regras, sendo que cada tipo corresponde à uma faixa etária da criança, como mostra a tabela abaixo. Portanto, a criança da Educação infantil está na fase do brincar simbólico.

QUADRO 1 - TIPOS DO BRINCAR

Brincar prático	Sensório-motor e exploratório	Principalmente dos 6 meses aos 2 anos
Brincar simbólico	O faz-de-conta, de fantasia e sociodramático	Dos 2 ou 3 anos até os 6 anos
Jogos com regras	Caracterizam as brincadeiras (jogos) que envolvem regras.	A partir dos 6 ou 7 anos

Fonte: PIAGET (1951) apud SMITH (2006, p. 25).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) trazem um trecho de Machado (2001), onde afirma que as crianças estão em uma fase que são profundamente dependentes do adulto. Por tanto, através dessa concepção, entendemos que elas necessitam intrinsecamente para a sua sobrevivência serem cuidadas e educadas, é o que recomendam os parâmetros.

Ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas; ser atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas; ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida (BRASIL 2006, p.18).

Para além dessas indicações são necessárias outras condições que possibilitaram a sobrevivência da criança, fortalecendo seu desenvolvimento, para que o cuidar/educar sejam realizados é preciso proporcionar-lhes a cultura de significados de mundo. Para isso é preciso amparar a criança em suas ações voluntárias e partindo para incentivá-la a:

brincar; movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão; ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas; diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil (BRASIL 2006, p.19).

Ao indicarem os teóricos da educação e as políticas públicas nacionais pelos Referenciais, Parâmetros e Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil que a brincadeira em todas as suas categorias está como uns dos princípios fundamentais para a prática da educação da infância. Perguntamos-nos se os professores e os pais das crianças têm essa consciência a respeito da importância da brincadeira como elemento construtor da formação humana? Como se pergunta Curtis (2006) no subtítulo *O que os pais pensam a respeito do brincar?* e Hurst (2006) na sua conclusão – *Defendendo o brincar*.

Curtis (2006, p. 44-45) enfatiza que “no mundo todo, os pais aceitam o fato de que as crianças brincam, mas poucos realmente acreditam que essa é a maneira pela qual seus filhos aprendem”. E concluiu que

na maioria das culturas, incluindo a nossa, a maioria dos pais tem dificuldade em aceitar que, durante o brincar, as crianças estão aprendendo muitas habilidades e conceitos. Para a maioria deles, o brincar é visto como algo que as crianças fazem para se manter ocupadas enquanto os adultos estão ocupados em outro lugar. Mesmo aqueles que compreendem o seu valor e passam consideráveis períodos de tempo brincando com os filhos, têm dificuldades em compreender que o brincar tem um lugar importante no currículo dos primeiros anos (CURTIS, 2006, p.48-49).

Para Hurst (2006) os professores da Educação Infantil precisam confirmar através de suas observações que suas propostas educativas são explicáveis para a utilização dos recursos lúdicos, tanto que precisam convencer aos seus colegas e

administradores da instituição escolar que necessitam muitas vezes de fundos para compra de materiais também para estruturar a sala de aula. Para isso, esses profissionais precisam ter convicção de que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente na infância, e que proporciona acréscimos para a vida e aprendizagem das crianças.

2.2 - A importância da brincadeira para formar identidades

Na teoria Piagetiana sobre o desenvolvimento cognitivo pelo processo interacionista, destaca-se o valor que tem a aplicação do elemento lúdico no método de aprendizagem da criança, pois para Piaget (1978), o ato de brincar é próprio da natureza humana, sendo assim imprescindível para o desenvolvimento completo da criança. Kishimoto (2008, p. 32) nos afirma que Piaget focalizou a brincadeira dentro de um contexto lúdico e construtivo do conhecimento infantil. Ele não a conceituou, entendendo-a como uma ação assimiladora.

Embora dotada de grande consistência, a teoria piagetiana não discute a brincadeira em si. Em síntese, Piaget adota o uso metafórico vigente na época, da brincadeira como conduta livre, espontânea, que a criança expressa por sua vontade e pelo prazer que lhe dá. Para o autor, ao manifestar a conduta lúdica, a criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos.

E ainda Kishimoto (2008 p. 32) evidencia que “outros teóricos como Vygotsky e Bruner, focalizam o contexto sociocultural e a estrutura da linguagem para subsidiar o estudo da brincadeira”.

A teorização de Vygotsky sobre o desenvolvimento do ser humano na perspectiva sócio interacionista, compreende que a ludicidade é uma rica ferramenta no processo de aprendizagem do homem, cuja teoria determina o desenvolvimento como consequência da aprendizagem, onde o homem é um ser sociocultural, ou seja, sua aprendizagem dependerá do meio social e da cultura ao qual está inserido. Sendo que a interação do outro através do lúdico trará contribuições importantíssimas para o desenvolvimento infantil.

FROEBEL (1912) apud KISHIMOTO (2002, p. 48) ratifica a relevância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. É desde o nascimento que é intensificado

as primeiras manifestações da criança com o brincar, é o bebê brincando com seu próprio corpo, aonde vai se descobrindo, antes mesmo de brincar com algum objeto.

Neste estágio de desenvolvimento a criança vai crescendo como um ser humano que sabe usar seu corpo, seus sentidos, seus membros meramente por motivo de seu uso ou prática, mas não por busca de resultados [...]. Ela é totalmente indiferente a isso, ou melhor, ela não tem ideia sobre o significado disso. Por tal razão a criança neste estágio começa a brincar com seus membros – mãos, dedos, lábios, línguas, pés, bem como a expressões dos olhos e face.

Segundo Benjamim (1984, p. 75) o ato do brincar é uma atividade capaz de inculcar hábitos, pois é pelo jogo que nasce todo hábito. E a brincadeira tem a capacidade de atrair as crianças, até as mais inquietas, pois

a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas pelo ritmo de versinhos.

O ato de brincar, para Kishimoto (1999), vem a ser a concretização de regras e a criança brinca para controlar seus sentimentos, assimilando, assim, as emoções e sensações, tirando as provas do eu. Ela também complementa que é através das brincadeiras que os desejos das crianças são realizados, como habilidades são desenvolvidas e, ampliados consequentemente os seus conhecimentos, além de estabelecerem contatos sociais e levar a criança a compreender melhor o meio em que ela vive.

Ainda Froebel (1992) apud Kishimoto (2002, p. 68), reafirmar que o tempo da brincadeira é o momento mais importante da infância, pois é através desta atividade espontânea, e prazerosa que a criança expressa suas necessidades internas.

[...] a brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um toda-vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz no mundo [...]. A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e dos outros [...]. Como sempre indicamos o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

Como vemos Froebel expressa na citação de Kishimoto, que a brincadeira é algo muito importante para a vida dos humanos de qualquer faixa etária, deixando essa falsa ideia de que a brincadeira é uma atividade banal, apenas um divertimento de criança. Hoje podemos percebê-la pelos estudos da psicogênese o quanto esta atividade é construtiva para o desenvolvimento integral da criança, e consequentemente, ajudando a construir identidades futuras.

Cunha (1994) define o ato do brincar de várias formas, trazendo algumas condições de se brincar. Pode-se brincar sozinho; brincar em coletivo: em grupo ou parceria. O brincar do faz-de-conta; O brincar em movimento: jogando, pulando, correndo, competido, etc. O brincar é uma atividade na qual aprendemos e, portanto, eminentemente pedagógica.

Para Vygotsky (1984), ao tratar das situações imaginárias, a brincadeira do “faz de conta” tem grande importância para estimular o desenvolvimento cognitivo e afetivo, proporcionando assim a criatividade da criança. Por isso essa atividade é saudável trazendo diversas manifestações da criança, como traumas e conflitos. Seus pensamentos são do momento presente, como também do passado e até imaginando sensações futuras. Esta concepção traz o significado da atividade lúdica, como expressão de seu estado afetivo, contemporizando o estado emocional para as brincadeiras, os brinquedos, os jogos, os desenhos, e outros divertimentos culturais.

A brincadeira revela muito sobre o que sente e o que pensa a criança naquele momento. É através do simbólico que a criança representa como entende as pessoas, as coisas e as situações do seu cotidiano.

A criança reproduz ao brincar uma situação real do mundo em que vive, extrapolando suas condições materiais reais com a ajuda do aspecto imaginativo. Para que a criança possa tornar real uma operação impossível de ser realizada na sua idade, ela utiliza-se de ações que possuem um caráter imaginário, o que faz de conta entra em cena, gerando uma discrepância [...] entre a operação que deve ser realizada (por exemplo, andar a cavalo, montar no cavalo etc.). Como a criança não pode usar o cavalo real, ela utiliza-se de um cabo de vassoura, por exemplo, como se este fosse seu cavalo. Isso ocorre porque a criança tem como alvo o processo e não a ação (ARCE 2004, P.21 apud MARSIGLIA 2011, P. 45-46).

Marsiglia (2004, p.46) afirma que ao representar vários papéis, a criança sente-se em condição de desempenhar qualquer papel na vida real. Isso contribui em sua

orientação profissional exerce influência significativa no desenvolvimento de suas capacidades. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Volume: formação pessoal e social (BRASIL, 1998, p.23), apresenta que quando a criança emprega a linguagem do faz-de-conta, ela está investindo na ampliação dos seus conhecimentos, que consequentemente enriquece sua identidade. Isso porque, ela pode experimentar outras formas de agir e pensar, pois ao realizar diversos papéis ou personagens que são vividos na sociedade, a criança expande sua aprendizagem sobre o mundo real.

Na brincadeira, vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas. Isso ocorre porque a motivação da brincadeira é sempre individual e depende dos recursos emocionais de cada criança que são compartilhados em situações de interação social.

Portanto, considera-se que a brincadeira é uma ferramenta essencial de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, o brincar em todas as suas esferas é um elemento que contribui para a formação humana. Moyles¹³ (2006, p. 34) traz a seguinte interrogação: “ao observa o brincar das crianças temos certeza de que muita coisa acontece nesses momentos. Mas será que é aprendizagem? E será que as crianças precisam mesmo brincar (Woodhead, 1987)?”. Então, Moyles, (2006, p. 35) conclui que muitos teóricos e educadores afirmam que sim, que realmente o brincar é um instrumento indispensável para a aprendizagem e crescimento infantil. E termina se perguntando: “Será que não podemos dar às crianças um pouco de tempo nos seus primeiros anos de vida para que aproveitem a excelência do brincar?”

2.3 - Imagens, imaginação e literatura: leituras e análises

Fanny Abramovich em seu livro crítico *O estranho mundo que se mostra as crianças* (1983), traz no seu primeiro capítulo uma análise das propostas de autores da

¹³ Janet R. Moyles é professora titular de educação na University of Leicester, onde é responsável pela educação inicial e pela formação dos professores de Educação Infantil inicial. Para a realização do livro “A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais”, Moyles (2006) reuniu os principais conhecedores mundiais desse tema.

Literatura Infantil a partir de Lobato e das tendências de algumas editoras. E enfatiza que um bom livro de Literatura Infantil exige bastante qualidade das imagens, que também é comunicação. Abramovich (1983, p. 16) afirma que as imagens são também textos, pois

[...] uma terceira tendência, representada sobretudo pela Ed. Primor, RJ, que com requintes gráficos, cuidados que vão da qualidade do papel à linha do desenho, mostra que o visual também é texto (e que texto!). Há ainda propostas inovadoras como as de Ruth Rocha em Nicolau tinha uma ideia (Ed. Abril), onde a deliciosa narrativa visual propõe uma obra aberta com várias possibilidades de leitura; [...].

Pelas diversas possibilidades que os desenhos proporcionam, podemos afirmar que eles capacitam fluir a imaginação da criança ou do leitor. Sendo uma história que tem o visual uma abertura para várias criações fictícias, como também aparecem nos livros infantis para melhorar a compreensão do texto escrito. Nas palavras de Cavalcanti (2002, p. 15),

a nossa relação com o mundo estabelece-se a partir da entrada do simbólico, então cabe refletir a respeito do assunto, ressaltando a importância que o imaginário tem no outro imaginário, na ostentação da imagem oferecida ao olhar.

Neste sentido, Lins (2003, p. 31) apud Abreu (2010, p. 329) afirma que “o texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias.” Já para Deleuze (2007, p.16), filósofo francês, em seus estudos a respeito da imagem, afirma que existe um “não discernimento” entre a criação e a documentação, entre ficção e realidade.

Não se sabe mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação, não que sejam confundidos, mas porque não é preciso saber, e nem mesmo há lugar para a pergunta. É como se o real e o imaginário corressem um atrás do outro, se refletissem um no outro, em torno de um ponto de indiscernibilidade.

E ainda de acordo com Cavalcanti (2002), sendo o texto mais do que suas estruturas discursivas, o documento literário excede o universo visível para penetrar-se nos organismos do imaginário de cada leitor, efetivado no pensar poético. Portanto, a

ligação que o estabelece com a realidade é a possibilidade de sentido que a escritura e as imagens proporcionam.

Faria (2008, p. 19) apud Abreu (2010, p. 332) entende que “o texto literário oferece ao leitor a possibilidade de experimentar uma vivência simbólica por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou imagens”.

De acordo com Freire (2004, p. 08) a definição que o ilustrador Rui de Oliveira traz para a ilustração é que a mesma tem em sua ação narrativa, informativa e até mesmo possui uma função de convencer aquilo que se quer transmitir através das imagens. “Com base nesta definição preliminar podemos acrescentar que a ilustração é um meio de expressão visual que tem a função objetiva de representar uma mensagem verbal”.

Para Abreu (2010, p. 329) “as ilustrações dos livros infantis servem para instigar a curiosidade e incentivar a criança à leitura”. Ainda nos informa que as ilustrações para o público infantil tiveram seu início em livros religiosos, didáticos, como as cartilhas, as gramáticas e enciclopédias, sendo vista como um adereço, que trazia a única função: a de “seduzir” de forma pedagógica o aluno.

As ilustrações eram tidas como fins puramente instrutivos. E os ilustradores nem se quer eram mencionados. Por meio da história da promoção da ilustração do livro infantil, percebe-se seu real reconhecimento a partir dos livros literários e consequentemente a valorização dos ilustradores.

Nos livros infantis, a ilustração teve sua ascensão e reconhecimento a partir dos contos de fadas de Perrault, publicados em 1697. Esses contos de fadas foram ilustrados em preto e branco, por Gustave Doré. Tinham como principal característica a riqueza de detalhes. Impulsionados por Perrault, na Inglaterra, no século XIX, os Irmãos Grimm, publicam *German Popular Stories* com ilustrações de George Cruikshank, carregadas de humor e ritmo. Ainda no século XIX, surgem as primeiras publicações de obras com ilustrações feitas através de efeitos especiais (*pop-up*). Essas ilustrações eram tridimensionais, apresentavam cortes especiais, peças para serem recortadas, livros que se tornavam cenários e os *harlequinade*, ilustrações que escondem as imagens em abas móveis. (ABREU, 2010, p.330).

Fica evidente que não se pode esquecer o estilo pedagógico dos contos, muito presente na Literatura Infantil, entretanto deve-se dar destaque ao seu jeito lúdico, pois, segundo Coelho (2000, p. 164) “aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao

pequeno leitor não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda.”

Outra novidade que aparece no século XX são os livros sem texto verbal, com apenas imagens. Estas obras revelam como é possível ter uma história através de imagens, pois é preciso apenas vê-la pelo olhar da imaginação. “Eva Furnari tem feito coisas incríveis no gênero. Suas figuras em movimento constante, suas personagens expressivas, publicou livros deleitosos” (ABRAMOVICH, 1997, p. 28-29).

[...] No século XX, merecem destaques as ilustrações das reedições dos clássicos dos Irmãos Grimm, feitas por Arthur Rendak, Edmund Dulac e Key Nielsen, pois representam grande apelo à fantasia e ao imaginário infantil. O final do século é marcado por um grande número de novos ilustradores. Entre eles, há inúmeros estilos diferentes, mostrando como a ampliação e a inovação dos recursos gráficos proporcionou aos profissionais novas possibilidades de criação (ABREU, 2010, p.330).

E ainda de acordo com Abramovich (1997), os livros só com imagens criados especialmente para crianças pequenas, não leitoras, não deixando também de conquistar pessoas de qualquer idade, trazem como essência experimentos que vêm do modo de olhar. De múltiplos olhares até, isto é, o olhar do próprio autor e do olhar do/leitor, nesse caso o leitor visual pelas descrições das possíveis narrativas que as ilustrações trazem em suas páginas seguintes, tudo isso, podendo ser enxergado o mundo e as personagens de maneira divergente, conforme ambos entendem o mundo.

No Brasil, somente a partir deste período começa a surgir um número significativo de ilustradores, entre os principais temos: Luis Camargo, Ricardo Azevedo, Angela Lago, Eva Furnari, Mariana Massarani, Claudius, José Carlos Aragão, Ziraldo. Muitos ilustradores, além de criar as imagens, são os escritores de seus livros, como é o caso de Ziraldo com *O menino maluquinho*, entre outros. Ainda, temos Ângela Lago que escreve e ilustra seus livros, inclusive, não ilustra livros de outros escritores e também não aceita que outros ilustrem suas obras (ABREU, 2010, p. 330-332).

Sabe-se que a literatura é uma arte linguística que contribui para a edificação de novas experiências no âmbito da cultura, da educação, para a formação humana. Em vista disso, as ilustrações dos livros infantis podem ser justificadas nesta mesma principal postura.

Entende-se também que o primeiro elemento de aprendizagem de uma criança vem do visual ou daquilo que é concreto, que vem antes mesmo do código escrito. Os recursos gráficos contribuem para ampliar, a criação artística, como também a imaginação que eles apresentam nas obras infantis.

Assim, para que se possa alcançar uma aprendizagem significativa, as imagens são fatores decisivos para tal, pois, segundo Coelho (2000, p. 164) “a Literatura Infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a *seres em formação*, a seres que estão passando pelo *processo de aprendizagem* inicial da vida”.

Ao perceber que o mundo com a evolução tecnológica trouxe um universo de equipamentos de grandes recursos visuais, como a televisão, a internet e a propaganda que incentivam as pessoas para o consumismo, as imagens são hoje bem apelativas e estão disponíveis para a comunicação em todos os lugares, tornando o mundo cada vez mais dominado pelas imagens. Neste sentido, com o desenvolvimento tecnológico e acesso à produção de imagens por diversificados aparelhos, as tecnologias digitais contribuíram de forma direta para ascensão do livro infantil com ilustrações de maior qualidade, bem colorido e com traços mais definidos.

A comunicação verbal possui algumas limitações, pelas variedades de línguas e campos semânticos, não pode ser empregada de forma única por todas as pessoas do mundo. Já a imagem favorece a comunicação entre culturas e nacionalidades distintas, pois traz um modelo universal, entendida por todas as línguas.

O aparecimento das ilustrações no livro infantil é bastante significativo, porém deve ser analisado pensando-se como elas ampliam as suas diferentes funções que podem ter na formação de significados. Ao analisar uma ilustração, é preciso atentar-se para ausência ou presença de elementos que abrem margens para algum tipo de preconceito, ou até mesmo de estereótipos já difundidos.

Contudo, não se pode deixar de apresentar às crianças ilustrações desse tipo, mas permitir que as mesmas tenham conhecimento de diversas ilustrações, para que elas possam desenvolver sua concepção crítica pelas discussões que serão feitas no decorrer da sua aprendizagem e como futuros cidadãos.

Não se trata, aqui e agora, de analisar a qualidade dos desenhos de nossos livros infantis. Mesmo porque temos indiscutivelmente ilustradores de primeiríssima qualidade!! Muito menos de lutar por desenhos do tipo realista (aliás, em geral feios e duros enquanto

traços) ou retirar a magia e encantamento da página. Mas ficar atento aos estereótipos, estreitamentos da visão das pessoas e de sua forma de agir e de ser... e ajudar a criança leitora a perceber isso (ABRAMOVICH, 1997, p. 40).

Por isso é de suma importância que se desenvolvam planos de ensino, que estimulem a leitura de livros infantis, para que as crianças tenham acesso à diversidade de material que é produzido para elas. Os contatos com esses livros e consequentemente com as ilustrações possibilitam à criança o desenvolvimento da sua imaginação, através da fantasia que eles lhe proporcionam, como também os mesmos devem trazer uma representação do mundo real, auxiliando a aprendizagem.

2.4 - O lugar da brincadeira na Literatura Infantil

Segundo Cavalcanti (2002, p. 122), a Literatura deve ter para a criança a mesma importância que tem a brincadeira, “portanto ser um lugar especial no qual se brinca com a prosa e a poesia numa surpreendente descoberta do outro”. Também, Cademartori (1986 p.73), nos enfatiza que brincando a criança “faz uso inconsciente e espontâneo da possibilidade de separar significado e objeto”.

A partir deste entendimento podemos perceber que a situação imaginária que a criança tem com o brinquedo pela ação do brincar, ela leva essa experiência para as histórias infantis (CADEMARTORI, 1986). E, ainda, de acordo com a mesma autora, a história infantil leva a criança a experimentar a dimensão simbólica da linguagem. Cademartori (1986 p. 73) vivencia também através dessa dimensão a união do imaginário com o real, ao afirmar que

situações ficcionais que dão prosseguimento e essa experiência não fortuita na vida da criança que é a simulação, primeira tentativa de emancipar-se das imposições ao meio. Através da história, a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim como sua conjugação com o imaginário e com o real.

Monteiro Lobato, “divisor de águas” da Literatura Infantil brasileira, trouxe em seu contexto literário imaginativo e criativo um universo de situações lúdicas que dão prazer e preenchem as necessidades da criança. Dentro de um argumento crítico e social, onde aniquilando alguns teores da época, inserido o leitor mirim em histórias maravilhosas e deliciosas, estimulando-o ao deleite por sua leitura, apresenta o lúdico através dos brinquedos (personagens) como Emília e Visconde, como encontramos

também diversas brincadeiras, como o faz-de-conta, pega-pega, esconde-esconde, jogos de palavras, brincadeiras de rodas, tradicionais e tantas outras brincadeiras vividas pelos variados personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

[...] Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo (nada a ver com aquele que passou na TV...), traduzindo no mundo todo, com seus 17 livros infantis absolutamente fascinantes. [...] E nesse sítio, aonde chega almirantes ingleses, anjinhos caídos do céu, Saci ou Peter Pan, a fantasia e a realidade se misturam o tempo todo, na maior das brincadeiras e gosturas... [...] Essa mistura fantástica, maravilhosa, de realidade e fantasia, de brincadeira vivida e escutada, de bichos, que falam sabiamente, de sabugos que fazem conferências e experimentos científicos, é mais do que surpreendente ou humorada... é a própria essência do humor (ABRAMOVICH, 1997, p.60-61).

A Literatura Infantil, como uma arte criativa, que culturalmente ficou conhecida pela sua função de divertimento e que depois passou a ser também uma arte com função pedagógica nas instituições escolares, precisa ser compreendida como espaço de criação, desenvolvimento e, sobretudo, aprendizagens para todas as idades. O livro “O menino maluquinho” de Ziraldo, por exemplo, é direcionado para o público infantil desde a criança pequena até a criança mais crescida, como também o leitor de todas as idades se descobre no Menino Maluquinho, pois esse menino é esperto, feliz, criador, frenético e pode possuir tantos outros mais adjetivos.

A literatura Infantil pode fazer o adulto recordar sua infância e ver a criança com olhos de criança, entendendo melhor seu modo de viver a infância, pois como afirma Abramovich (1997, p. 108),

Ziraldo, em o menino maluquinho, narra a vida dum moleque sabido, irrequieto, sempre em movimento e em ebulição. Portanto, aparentemente descuidado com objetos e roupas, explosivo em seus comentários, inventor constante da alegria, da brincadeira (pra família, pros amigos...).

Já as autoras Ruth Rocha e Sylvia Orthof em *Contos para rir e sonhar* (2003) reúnem contos divertidos, que tem bom humor e ao mesmo tempo defendendo questões universais, como o direito da criança à brincadeira, e tudo aquilo que traz encanto, que estimula sua imaginação, especialmente aquela criança que deve sempre permanecer viva dentro da gente. Percebendo que a brincadeira é um elemento importante para a interação da criança no seu meio, que a mesma proporciona capacidades globais na

criança, como cognitiva, afetiva, motora e social, acredita-se, que ao trazer o enfoque da brincadeira para suas histórias a escritora Ana Maria Machado, assim como, outros grandes escritores da Literatura Infantil, motivam diversas contribuições, como por exemplo, o desenvolvimento da capacidade imaginativa e criativa em uma criança.

CAPÍTULO 3 – DIA DE CHUVA; BRINCADEIRA DE SOMBRA; VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?; QUEM ME DERA: onde estão as brincadeiras e o que constroem nos personagens infantis nestas obras.

*Ler histórias para crianças, sempre, sempre...
É poder sorrir, rir, gargalhar com as
situações vividas pelas personagens, com a
idéia do conto ou com o jeito de escrever dum
autor e, então, poder ser um pouco cúmplice
desse momento de humor, de brincadeira, de
divertimento...*

Fanny Abramovich

3.1 – Análise de conteúdo: significados nessa pesquisa

Os estudos de Bardin (2010, p.44), nos explicam em que incide a análise de conteúdo como teoria de investigação. Para ela, análise de conteúdo trata-se de um

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Segundo Franco (2008, p. 23) “a análise de conteúdo é um procedimento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. E sendo a mensagem o ponto de partida da análise de conteúdo, ela pode ser verbal, de forma oral ou escrita, por gestos, silenciosa, ilustrativa, documental ou suscitada de forma direta. A autora também enfatiza que a análise de conteúdo exige que os conteúdos das mensagens encontradas tenham fundamentação teórica, pois entende que uma informação meramente descritiva não ligada a outras qualidades ou características do emissor é de pequena importância, pois como nos ensina (FRANCO 2008, p.7),

[...] para além desta maneira de interpretar as mensagens contidas nos textos, cuja tradição é longínqua, mais recentemente, mas ainda no século dezenove, o francês Bourbon (1888-1892) tentou captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem [...]. Estava, então, aberto o campo da sistematização da análise de conteúdo das

mensagens, de seus enunciados, de seus locutores e de seus interlocutores. Essa abertura, que reconhece o poder da “fala” humana, coincide, no início do século passado, com o desenvolvimento da Psicologia e seu desdobramento na área da Psicologia da Educação, enquanto ciência autônoma e desmembrada da Filosofia.

Para Richardson (1985, p. 44) análise propriamente dita “representou uma técnica quantitativa para descrever o conteúdo manifesto de uma comunicação”. já para a expressão *conteúdo manifesto*, Richardson (1985, p.44) descreve que

a expressão conteúdo manifesto pressupõe que esses estudos referem à parte ou ao aspecto de uma comunicação compreendida do mesmo modo pela pessoa da qual emana, pela que a recebe e pelo pesquisador: não se trata do seu “conteúdo latente”, isto é, das intenções “ocultas do autor” da comunicação ou das relações imprevistas do destinatário.

Ele destaca que atualmente na área da educação, a análise de conteúdo tem apreciado as duas abordagens da pesquisa científica: os métodos quantitativo e qualitativo. A análise qualitativa funda-se na presença ou ausência de tal ou qual conteúdo em específico, ao mesmo tempo nas constâncias referente às diferentes classes de conteúdo, essa abordagem se interessa menos pelo “conteúdo manifesto” que pelo “conteúdo latente” e emprega menos o “conteúdo manifesto” para a partir dele inferir os intuitos do locutor pela comunicação ou seus efeitos sobre o público.

De acordo com Bardin (2011, p. 125-131), o método para o desenvolvimento de uma análise, deve-se em primeiro plano a organização da análise. E esta organização está dividida em três pólos cronológicos, apesar dessa classificação, a autora afirma que não é necessariamente seguir a ordem abaixo:

A pré-análise – é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. **A exploração do material** – Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. **O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação** – Os resultados brutos são tratados de maneira a ser significativos (“falantes”) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela

análise. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Segundo Bardin (1977) apud Franco (2005) a *pré-análise* possui as seguintes atividades: 1) *Leitura Fluente* (trata-se do primeiro contato com o material, conhecendo as primeiras mensagens, que deverá ser ampliada por diversos teóricos); 2) *Escolha de Documentos* (essa atividade consiste na seleção de textos que contribuam para o pesquisador alcançar seu objetivo); 3) *Formulação de Hipóteses e Objetivos* (essa atividade trata-se de levantar uma suposição provisória pelas leituras iniciais, que precisa ser confirmada ou não, através dos dados coletados pelo pesquisador/analista); 4) *A referência aos índices e a elaboração de indicadores* (os índices trata-se daquilo que é referência, ou seja, que é explícito em uma mensagem. Já o indicador deve ser considerado como a frequência daquilo que se consta no tema, ou mensagens analisados).

Para isto envolve as regras: *Regra de Exaustividade* (essa atividade é realizada depois de ser determinado os métodos da pesquisa, como entrevistas, elaboração de questionários e outros, considera-se todos os elementos do método utilizado, apesar das possíveis dificuldades encontradas); *Regra de Homogeneidade* (Nessa atividade os documentos analisados devem obedecer a uma regra de igualdade, pertencendo a uma mesma categoria); *Regra de Representatividade* (se trata de uma divisão do material quando ele se torna muito volumoso, podendo ser representado através de uma amostra).

A *exploração do material* está dentro das categorias de análise. Segundo Franco (2005, p. 57) após determinadas as “unidades de análises” definem-se suas categorias, pois

a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos [...]. Em verdade, a criação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo.

O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação – a inferência trata-se de uma relevante finalidade da análise de conteúdo. Na análise de conteúdo produzir

inferências sobre os meios de comunicação é muito significativo. Elementos como: o emissor; o receptor da mensagem; e a ação decodificadora. “A análise e a interpretação dos conteúdos obtidos enquadram-se na condição dos passos (ou processos) a serem seguidos” (FRANCO, 2005, p.24). Esse caminho deve ser percorrido de forma contextualizada, pois esta deve ser uma das principais condições para assegurar a importância dos resultados a serem propagados.

Richardson (1985) declara que para realizar um estudo pela análise de conteúdo utiliza-se como material qualquer forma de comunicação. E com mais frequência são os documentos escritos, como livros, periódicos, jornais, como também outros meios de comunicação, como programas de rádio, música e pintura. Também existem outras possibilidades importantes que podemos ressaltar, ou seja, será possível em qualquer momento averiguar textos de diversas probabilidades, como anuncia Krippendorff (1990, p. 30).

Em qualquer mensagem escrita, simultaneamente, podem ser computadas letras, palavras e orações; podem categorizar-se as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar as associações, denotações, conotações e também podem formular-se interpretações psiquiátricas, sociológicas ou políticas.

Franco (2008) conclui que cada vez mais, todavia, a análise de conteúdo passou a ser empregada a gerar deduções acerca de elementos verbais e/ou simbólicos, porém, adquiridos de acordo com as indagações e observações partidas do interesse de um motivado pesquisador.

3.2 – Análise de conteúdo em quatro obras de Ana Maria Machado: material de análise

Partindo das perspectivas dos autores Bardin, Franco, Richardson e Krippendorff aqui inspiradores, pode-se definir que a pesquisa se constitui de uma análise descritiva sistemática, sendo o conteúdo analisado através de três vertentes:

- Textos;
- Imagens;
- E a combinação dos dois (textos e imagens).

Como recurso metodológico para essa pesquisa, desenvolvida pelas técnicas da análise de conteúdo, utilizou-se como materiais investigativos as seguintes obras impressas da Literatura Infantil de Ana Maria Machado:

- *Vamos brincar de escola?*;
- *Quem me dera*;
- *Brincadeira de sombra*;
- *Dia de Chuva*.

Para compreender as brincadeiras e como a criança (personagem) se relacionam com elas, buscamos as respostas através das análises feitas a partir das narrativas e das ilustrações dessas obras, tendo como métodos qualitativos e quantitativos de investigação científicos.

Esses métodos indicam as características das brincadeiras apresentadas nessas obras e quantas vezes aparecem, qual o tipo da brincadeira, e quais ações podem suscitar nas crianças personagens. A partir da identificação das mensagens explícitas do conteúdo (dados escritos e/ou simbólicos), assim compreende-se o sentido em relação ao ato de brincar como tendência e importância expostas pela autora Ana Maria Machado, analisando também os tipos e meio de comunicação utilizados e escrevendo-o descritivamente. Pode-se dizer que assim se configurou esse estudo pela análise de conteúdo.

3.3 - Apresentação das obras selecionadas

A primeira obra selecionada para nossa análise é “*Vamos brincar de escola?*”, ela faz parte da coleção Gato Escondido, publicada pela editora Salamandra no ano 2005. Aqui a autora Ana Maria Machado traz histórias contadas através de rimas repletos de ritmos. Esta coleção foi especialmente elaborada para crianças pequenas ouvirem e para as iniciantes na leitura já poderem contemplar dessas variações textuais artísticas trazidas pela autora.

Vamos brincar de escola foi ilustrado por Denise Fraifeld que também ilustrou outras obras de Ana Maria Machado. Os personagens principais são as crianças Henrique e Isadora, e a avó de Henrique e Isadora. O pai de Henrique e Isadora e os

amigos da escola (Júlia, Beto, Olívia e o Edgar) são citados uma única vez, sem participação de falas.

O enredo se desenvolve pelo fato das crianças Henrique e Isadora começarem a frequentar a escola, aonde vão aprender e brincar. Sua avó que vai sentir bastante falta das crianças, queria muito ir também para a escola, até mesmo “escondida na mochila” para ver se seus netos estão bem. E então será desenvolvido o enredo com as crianças indo à escola, aprendendo e brincando com novos amigos, porém não deixando de brincar com a sua avó quando volta da escola.

Quem me dera é uma obra que faz parte da coleção barquinho de papel de Ana Maria Machado. Publicado em 2010 a 5ª edição pela editora Ática. Com ilustrações de Mariângela Haddad, o livro conta a história da menina Vera, “uma menina moreninha de cabelo encaracolado, sorriso simpático, olhar sempre animado. Uma menina simples como tantas outras” (MACHADO, 2010, p. 2). De família humilde, morava com seus pais em uma casa pequena, em conjunto com outras também pequenas e comuns.

Logo cedo começava a agitação, os pais iam trabalhar, e Vera ficava na casa de dona Maria, uma simpática vizinha, que também tinha muitos afazeres. E o que Vera queria era brincar, porém não encontrava companhia. Vera não desanimava, ia em frente, tentar uma companhia diferente. O desejo incontável que Vera tem de encontrar alguém para brincar, faz com que a menina saia ao encontro de todos, chamando para brincar com ela, mas todos estão ocupados? Todos mesmo!

A dona galinha, O cachorro Rex, o gato mimoso, a abelha, os pardais, a lagarta listrada e já não aguentava mais, o mesmo refrão: -Ai, Vera que me dera, mas...não vai dar, tenho que...Então aparece um vizinho de Vera que se chama Zé. Ele vai convidá-la para frequentar a escola junto com ele, e ela conversa com seus pais e todos concordam. Vera conhece outras crianças lá na escola e vai ter muitos amigos pra brincar e aprender.

A terceira obra analisada *Brincadeira de sombra* publicada em 2003 em sua 4ª edição pela editora Global, com ilustrações de Marilda Castanha, traz uma história que se desenrola quando Luísa a personagem infantil juntamente com seu avô, cujo nome não é mencionado pela autora, vão de manhã cedo à padaria. Quando a menina e seu avô vão andando pelas ruas, seu avô pede pra menina lhe dar as mãos. Aí Luísa percebe que as sombras na calçada também dão as mãos. A partir daí a menina vai brincando com sua sombra, vai se mexendo e a sombra acompanhando seu movimento.

O que a menina quer mesmo é ter uma sombra maior que a sua. Só então com a ajuda de seu avô é que a menina vai conseguir ter a sua sombra maior. “As histórias dessa coleção, dirigida a iniciantes na leitura, mostram como a imaginação se integra no dia-a-dia das crianças. A própria sombra, a areia da praia ou uma capa colorida abrem mundos de aventura” (MACHADO, 2003 p.16).

Já o livro *Dia de chuva* foi publicado pela editora Moderna em 2002, com ilustrações de Nelson Cruz. O enredo se passa em uma casa, onde mora o menino Guido, amigo de Henrique e Isadora. Eles foram brincar com o amigo Guido, porém alerta a mãe de Guido que eles não podem brincar fora da casa, pois vai chover. Era um *dia de chuva*. Ficaram observando os pingos da chuva correndo feito gotas pela vidraça da janela, quando cansaram de ver os pingos da chuva pela janela, então tudo começa!!!

A imaginação, a brincadeira do faz de conta; as crianças viajam pela imaginação, e todo ambiente se transforma, nesse caso a sala da casa de Guido. Então as mães das crianças dizem que foi uma pena que estava chovendo, por isso, as crianças não puderam brincar. Elas não conseguiram ver o quanto eles brincaram e se divertiram, e viajaram pelo o mundo da imaginação, sem precisarem sair de casa para brincar.

3.4 - Análise de conteúdo em quatro obras de Ana Maria Machado

Para chegarmos ao nosso objetivo principal que é compreender as brincadeiras que estão presentes nas quatro obras de Ana Maria Machado (*Vamos brincar de escola?*; *Quem me dera*; *Brincadeira de sombra* e *Dia de chuva*) e como as personagens se relacionam com elas, formos seguindo as técnicas de análise de conteúdo, partindo pela perspectiva de Bardin (2011) sobre a organização da análise, que é dividida em três pólos já citados. Foi necessário fazer uma primeira categorização que envolve a questão da brincadeira nas obras analisadas. Sendo classificada desta forma:

Categorias em relação às Brincadeiras

- Tipos de brincadeira presentes nas quatro obras;
- Frequência de cada brincadeira numa mesma obra (Quantas vezes elas aparecem);
- Características das brincadeiras;

- A brincadeira e sua divisão pelos gêneros feminino e masculino;
- As ações provocadas nas personagens (crianças) pelo ato do brincar.

E para analisar os conteúdos (as mensagens), como a linguagem verbal (escrita) e linguagem visual (as ilustrações) das obras, foi também preciso elaborar uma segunda categorização com possíveis indicadores:

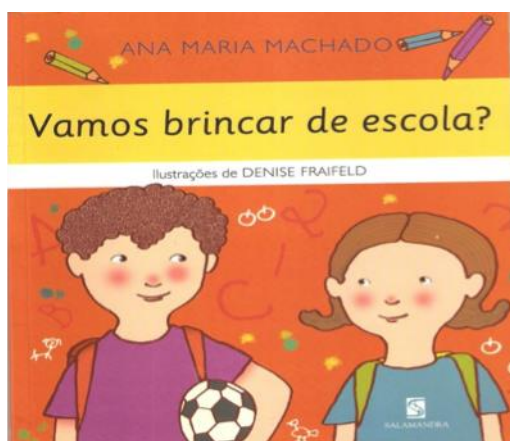
Categorias em relação às mensagens (linguagem, escrita, imagens)

- Características das personagens (socioeconômico; cultural e educacional).
- O espaço geográfico (cidade; campo; casa; escola).
- Recurso narrativo (Imagens; tipos de linguagens; tipos de escrita).
- Valores ideológicos (cooperação; respeito; diálogo; direitos e deveres).
- Gênero literário (poesias; ritmos; rimas; prosa).

Para a codificação dessas categorias foram antes organizados pela *pré-análise*, ou seja, pela leitura fluente de diversas abordagens teóricas sobre o objeto de pesquisa, ou seja, pela Escolha dos Documentos e pela formulação de Hipóteses e Objetivos.

A partir dessas categorizações e suas determinadas classificações, temos uma análise de elementos característicos que formam um grupo por diferenciações e que ao mesmo tempo é reagrupada pelas suas semelhanças. Com isto, cada obra foi analisada separadamente para melhor chegarmos aos resultados desejados, nos foram necessários a inferência e a interpretação das mensagens codificadas.

3.4.1 *Vamos brincar de escola?*



Henrique e Isadora começam a frequentar a escola. Lá, vão aprender e brincar. Mas sempre vai sobrar tempo para, junto com a avó, mergulhar no mundo das cantigas infantis e dos contos de fadas (MACHADO, 2005, p.28).

Figura 1 - capa do livro *Vamos brincar de escola?*

Encontramos essa síntese de Ana Maria Machado sobre sua obra “*Vamos Brincar de escola?*” nesses versos poéticos com rimas e ritmos em destaque:

QUADRO 2 – VERSOS DO LIVRO *VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?*

Menina, minha menina, onde você vai agora? Eu quero ir com vocês. Com Henrique e com Isadora. -Vou-me embora, vou-me embora, Tenho muito que fazer. Tenho de ir para a escola, para brincar e aprender. Página 2	-Às vezes tenho vontade de ir à escola também. Escondida na mochila, ver se os netos estão bem. -Se eu fosse a Pequerrucha ou o Pequeno Polegar, me escondia no seu bolso, podia tudo espiar. Página 3	-Ai, vovó, que ideia é essa? Ai, vovó, não é assim... Você tem o seu trabalho, minha escola é para mim. -Se eu fosse abelhinha e soubesse voar, espiava Isadora na classe a pintar. Página 12	Toda feliz, Isadora a cada um deu a mão. O primeiro foi seu pai. O segundo, seu irmão. Página 22
---	---	--	---

Fonte: Livro “*Vamos brincar de escola?*” Machado (2005).

Através do texto poético, com versos elaborados pelas rimas e cheios de ritmos podemos perceber que sua narrativa expressa bem o estilo estético da autora Ana Maria Machado, onde quer transmitir sentimentos e lembranças dos tempos de uma infância que vive desde aprender ao ouvir histórias com as pessoas mais velhas, como também brinca com tradicionais cantigas, que são perpetuadas por diversas gerações. Aqui, essa história é contada de um jeito especial.

As rimas – outro recurso poético – são tão gostosas de ler e ouvir quando bem escolhidas, bem trabalhadas!... Não podem é ser postas sem nenhum critério, pois há regras poéticas que as definem bem: podem vir intercaladas, rimando a primeira com a segunda linha, ou então de outro jeito, dependendo do tipo de versificação que cada poeta escolhe para cada poema que faz... (ABRAMOVICH, 1997, p. 72).

Abramovich (1997, p.76) entende que “o ritmo é outra marca essencial da poesia. É o que possibilita acompanhamento musical ao que é lido ou ouvido”.

Ao trazer no 5º capítulo do seu livro “*Literatura Infantil: gostosuras e bobice*”, o tema *poesia para crianças*, Abramovich ressaltava como esse gênero literário é desprezado pelas editoras, sendo alvo de preconceitos, existindo diversas opiniões de como deve ser a poesia para crianças. Segundo a referida autora os grandes poetas nacionais não têm poesias com versões para o público infantil. Então restaram poetas não tão reconhecidos, com pobres recursos linguísticos e estéticos, sem belos e expressivos ritmos nas suas palavras, pois a poesia para criança precisa ser divertida como um brinquedo. “Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler” (ABRAMOVICH, 1997, p.67).

Outro recurso muito utilizado pela Literatura Infantil é a poesia narrativa. Ana Maria Machado fez essa junção destes recursos poéticos nessa obra, assim como tantos outros autores da nossa literatura.

Só pra refrescar a memória: *Pé de pilão*, do Mário Quintana; *Um rei e seu cavalo de pau*, do Elias José; *Melhor que a encomenda*, escrita pela Edy Lima; *A árvore cheia de estrelas*, do João das Neves... Ruth Rocha tem várias histórias rimadas, versejadas e ritmadas, dentre elas: *Bom dia todas as cores*, *As coisas que a gente fala*, *O que os olhos não vêem*... Sem esquecer o poema gráfico-colorido do Ziraldo, o belo, aflito e triste *Flicts* (ABRAMOVICH, 1997, p.89).

E ainda segundo Abramovich (1997) a poesia narrativa é contada em forma de versos rimados com melodias envolventes, de acordo com o compasso correspondente ao autor.

Ana Maria Machado rima sua história com personagens de contos infantis, para mostrar que a avó das crianças tem o costume de ler para seus netos os tradicionais contos, como também comprova que as crianças “mergulham no mundo das cantigas” com sua avó, ao rimar outros versos com cantigas infantis tradicionais.

Ao criar uma história que traz o amor e o carinho de uma avó para com seus netos, que tem uma convivência com os mesmos, faz com que essa aproximação traga um sentimento de solidão, quando as crianças começam a frequentar a escola. Ela sente vontade de ir junto com eles, só para saber como estão seus netos Isadora e Henrique, tanto que nos primeiros versos mostram essa preocupação e essa vontade, que ela diz. “- Às vezes tenho vontade de ir à escola também. Escondida na mochila, ver se os netos estão bem” (MACHADO, 2005, p.3). No entanto na próxima narrativa poética, se diz

que a escola não é um lugar pra avó, pois o muro é muito alto. É melhor ela preparar o lanche “com pão-de-ló”.

Ana Maria Machado brinca com a imaginação infantil, quando a criança (personagem) diz que a escola não é pra avó, pois o muro é muito alto e, uma avó não pode pulá-lo.



Figura 2 - Machado (2005 p.5-6).

O espaço físico da narrativa se passa na casa das crianças, onde sua avó está cuidando e dando atenção aos seus netos, como também mostra as crianças no espaço escolar. Lá Henrique e Isadora aprendem a ler, a escrever, a fazer contas, como também brincam. Henrique joga futebol enquanto Isadora participa de outras atividades. Ela dançar, cantar, tocar e pintar, além de brincar com muitos amigos, que é o que ela gosta mais, como aparece nos versos e nas imagens abaixo.

QUADRO 3 – VERSOS DO LIVRO *VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?*

-Você ia mesmo conosco? lá até brincar de pique? Eu duvido que uma avó corra mais do que Henrique. -Quem quiser aprender a dançar, Vai na classe da Isadora. Ela canta, ela toca, ela ri a toda hora.	-O que eu mais gosto na Escola é ter um montão de amigo. Cada um é diferente, mas todos brincam comigo. -Tem a Julia, tem o Beto, a Olivia e o Edgar. Sozinha eu não fico Nem hei de ficar. (MACHADO, 2005, p.17).
---	---

(MACHADO, 2005, p.8).

Fonte: Livro “Vamos brincar de escola?” Machado (2005).



Figura 3 - Machado (2005, p. 07).



Figura 4 - Machado (2005, p. 18).

Ao analisar as ilustrações de Denise Fraifeld para esse livro, encontramos uma semelhança com um álbum de fotografias, tendo em suas páginas pequenos desenhos que vão simbolizando as ações correspondentes.

E em relação ao tipo de escrita, a autora utiliza letras em caixa alta, com dois versos para cada página, que vem em página separada da ilustração, como é comprovado a seguir.

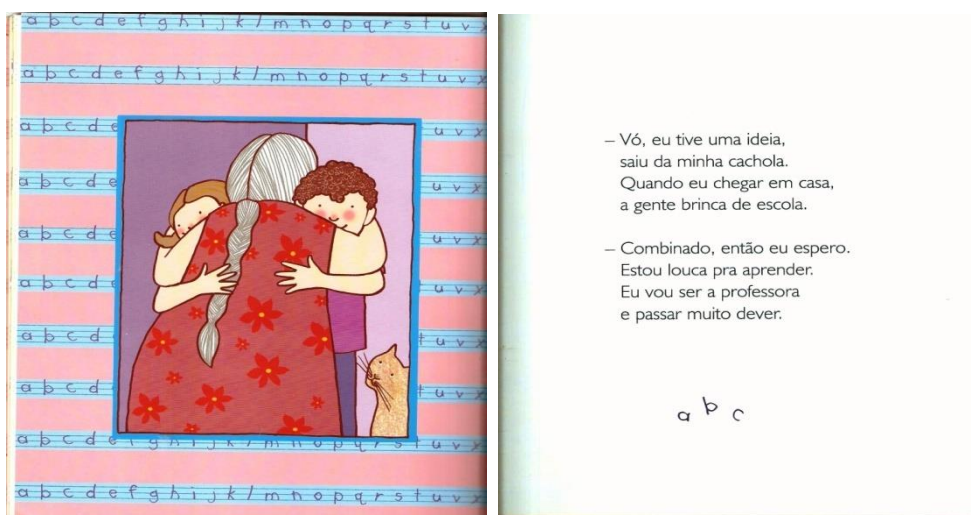


Figura 5 - Machado (2005, p. 19-20).

Analisando os versos acima, percebe-se que a autora não menciona o nome de quem está falando com a avó. Porém, ao acompanharmos a sequencia das falas fica

subtendido que é a Isadora, sua neta, tendo uma ideia para que sua avó sinta-se no imaginário da rotina da escola, visto que ela queria muito ver o que eles fazem quando estão lá. Para amenizar esta vontade que ela tem de ir junto com eles, a menina diz que quando chegar da escola vai brincar com ela. E a brincadeira que é pensada é brincar de escola. Sua avó fica muito contente com a ideia e diz logo, que está ansiosa para aprender essa brincadeira. Ela quer ser a professora para passar muito dever, é o que mostram o texto e a imagem (figura 5).

A avó tem a ideia de escola como um lugar aonde se aprende muito ao passar muito dever. Uma concepção tradicionalista que ainda se vê nos dias atuais, principalmente entre as pessoas que tiveram essa imagem de ensino e aprendizagem na sua vivência escolar.



Figura 6 - Machado (2005, p. 21-22).

Como aparecem nestes versos finais e figura 6, perceber-se que a família apresentada por Ana Maria Machado nessa obra é uma família de classe média, pois o pai de Henrique e Isadora vai pegá-los de carro, isso fica subtendido ao aparecer na narrativa que na hora da saída da escola as crianças nem precisavam de van, pois o pai estava esperando, mostrando que existe um laço familiar importante. E a figura da avó é mencionada como aquela que cuida e ama muito seus netos, que pelo fato de ser mais velha, experiente e por ficar mais tempo em casa, ela pode brincar com eles, contar histórias e ensinar cantigas como fala no texto através dos versos rimados, sendo, portanto letrada e valorizadora do letramento e da arte literária.

Ainda, demonstra que a avó valoriza a brincadeira como elemento importante para o desenvolvimento da criança e da sua formação. Ainda, que a escola também pode

ser um espaço de brincadeira e aprendizagens por meio desta. Brincar de pique, jogar futebol e brincar de escola são os tipos de brincadeira apresentado pela autora nessa narrativa poética. As duas primeiras brincadeiras são atividades que envolvem movimentos e regras. Já a brincadeira “brincar de escola” é uma brincadeira de faz-de-conta, onde a imaginação é o principal meio para a sua realização.

Aparece na obra algumas vezes a palavra brincar, mas como brincadeira só aparecem brincar de pique e brincar de escola, encontradas nas páginas como mostram os versos abaixo:

QUADRO 4 – VERSOS DO LIVRO *VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?*

-Você ia mesmo conosco? lá até brincar de pique? Eu duvido que uma avó corra mais do que Henrique. (MACHADO, 2005, p. 8)	-Vó eu tive uma ideia, saiu da minha cachola. Quando eu chegar em casa, a gente brinca de escola. (MACHADO, 2005, p. 20)
--	--

Fonte: Livro “*Vamos brincar de escola?*” Machado (2005).

Cada uma dessas brincadeiras aparece uma única vez, apesar de o tema envolver a relação do brincar com o aprender, assim como, a escola continua presente em casa por meio da brincadeira. Neste sentido, a brincadeira passa a se constituir como elemento fundamental da aprendizagem escolar em casa. A autora Ana Maria Machado também traz outras atividades importantes para a aprendizagem da criança, como o ouvir histórias, aprender as tradicionais cantigas, que são perpetuadas por gerações e que são de grande valor lúdico, cultural e, sobretudo, pedagógico. Também mostra a criança aprendendo a ler e a contar de uma maneira muito engraçada.

QUADRO 5 – VERSOS DO LIVRO *VAMOS BRINCAR DE ESCOLA?*

-Depois a-e-i-o-u vamos todos aprender. E eu vou trazer pra casa uma história para ler. -O H é uma letra que faz parte do abecê. Ai, Henrique, você nem sabe	-Sete e sete são quatorze, Três vezes sete, vinte e um. Você sabe fazer contas ou pergunta a qualquer um? -Dois e dois são quatro, quatro e dois são seis. Seis e dois são oito. E oito,
--	--

como eu gosto de você. (MACHADO, 2005, p. 8)	dezesseis. E oito, vinte e quatro. E oito, trinta e dois. Quer saber mais contas? Ou deixo pra depois? (MACHADO, 2005, p. 8)
---	---

Fonte: Livro “Vamos brincar de escola?” Machado (2005).

A narrativa apresenta uma escola com uma variação de atividades. Essas atividades são divididas por gêneros em alguns casos, quando mostra o menino Henrique se arrumando para o jogo de futebol enquanto a menina Isadora fica na sua turma aprendendo música, cantando, dançando e tocando. Henrique corre muito e Isadora gosta muito de pintar, desenhar como também brincar de roda com os amigos da escola e, tantas outras brincadeiras que não são mencionadas, mas que fica evidente quando ela afirma que o que mais gosta na escola é ter muitos amigos para brincar.

Ao analisarmos os resultados das brincadeiras em relação às ações provocadas nas personagens infantis pelo ato do brincar nessa obra, podemos compreender a brincadeira como meio de socialização entre as crianças independentes das diferenças, quando a narrativa descreve que: “na escola tem amigos diferentes, mas a Isadora não fica sozinha, todos brincam juntos”. Outra contribuição entendida é que a brincadeira se faz canal de aprendizagem a partir da interação com o outro e seu meio. “As crianças brincam e aprendem na escola”. Portanto, a escola e a brincadeira são meios de interações sociais e aprendizagens.

3.4.2 - Quem me dera



Ao analisarmos as ilustrações de Mariângela Haddad deste livro, percebemos que elas são bem coloridas ficando bonito de se ver, que também ajudam na compreensão da narrativa, que é bem prazerosa para quem lê e para quem acompanha a sua história folheando suas páginas. Vera, a personagem principal, é

Figura 7 - capa do livro *Quem me dera*



Figura 9 - Machado (2010, p. 7-8).

Vera foi então para a casa de sua vizinha, pois seus pais saíram para o trabalho. Lá tinha um quintalzinho, mas Vera já sabia que também não ia encontrar companhia para brincar, pois Dona Maria vivia muito ocupada também. Mas mesmo assim Vera insiste na sua busca:



Figura 10 - Machado (2010 p. 9-10).

- Dona Maria, vem brincar comigo?

- Ai, Vera quem me dera... Mas tenho mais o que fazer. Você pensa que a vida é só brincadeira, é? Pensar, ela bem que pensava. Mas não adiantava.

Ana Maria Machado traz a realidade de uma família trabalhadora em que os adultos não têm tempo para brincar com a criança, pois eles têm muito que fazer e, não

podem brincar com a menina Vera. Quando a personagem “Dona Maria” diz a Vera que a vida não é uma brincadeira, ela quis dizer que a brincadeira é algo banal, passa tempo pra quem não tem o que fazer. Vera pensava mesmo que a vida é só brincadeira, visto que, o trabalho da criança é a brincadeira, onde brincar é uma das atividades mais prazerosa e estimulante para a sua aprendizagem. A criança tem a necessidade do brincar, por essa atividade ser própria da infância.

O Referencial Nacional para a Educação Infantil – Introdução (Brasil, 1998), aponta para essa realidade vivida pelas crianças em suas primeiras interações e suas possíveis frustrações com aquilo que é contraditório para o seu bem estar.

Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos.

Portanto, a criança tem suas primeiras experiências nas interações com a família e as pessoas mais próximas, porém ela necessita da brincadeira, que é um meio para se expressar diante das condições de vida a qual se encontra, além de querer satisfazer suas vontades através de uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil, que é o ato de brincar em todas suas esferas.

Vera não desiste vá em busca de companhia...

– Rex vem brincar comigo?

- Ai Vera quem dera...Mas não posso, tenho que...



Figura 11 - Machado (2010 p. 13-14).

E esse refrão foi se repetindo, todos estavam ocupados, o cachorro Rex, o gato mimoso, a abelha, os pardais, a lagarta listrada e Vera já não aguentava mais. Ela ficou quieta até ouvi uma voz que dizia:

“- Menina, vem brincar comigo?” Ela não acreditou, achou que estava sonhando”.

Zé era o nome dele, o menino estava se mudando com seus pais para a casa vizinha a Dona Maria, que antes era um terreno baldio. Então, Vera perguntou-lhe o que ele estava fazendo ali naquele terreno.



Figura 12 - Machado (2010, p.24).

Ele respondeu que os pais deles estavam construindo uma casa ali. Vera ficou muito feliz ao saber que ia ter companhia pra brincar bem pertinho dela. Quando estava se apresentando a mãe de Zé o chamou. Ele disse a Vera que quando voltasse da escola brincava com ela.

Então como ele já frequentava a escola, perguntou a Vera se ela não ia também para o colégio. Ela diz que não tinha com quem ir à escola, pois a localização da mesma é meio longe para ela ir sozinha. Então ela pergunta “- Será que eu não podia ir com você? - Ai, Vera, quem me dera... - disse ele. - Ia ser bom demais. Vou falar com a minha mãe”. Pela imagem percebe-se que Zé sai correndo para encontrar sua mãe que está no carro à espera por ele. Como é demonstrado na ilustração abaixo:



Figura 13 - Machado (2010, p.26).

“Zé falou com a mãe dele, que falou com a vizinha, que falou com os pais de Vera, que falaram no colégio. E foi assim que, ufa!, depois de tanta falação, tudo acabou bem” (MACHADO, 2010, p.28).

A ilustração a seguir apresenta essa narrativa através das imagens em sequencia que contam como aconteceu todo esse processo para ajudá-la a frequentar a escola com o menino Zé.



Figura 14 - Machado (2010, p.28).

“Vera agora tem um monte de amigos e amigas que adoram brincar. Estudam juntos, aprendem uma porção de coisas boas e ficam cada vez mais espertos. E brincam muito no pátio – no recreio, antes da aula e na hora da saída. De pique, de casinha, de bandeira, de bola, de queimada, de tudo que quiserem inventar”.

De acordo com Marsiglia (2011, p. 49) “a entrada na escola representa uma mudança muito significativa. A partir de agora começa a cumprir uma atividade socialmente importante”.

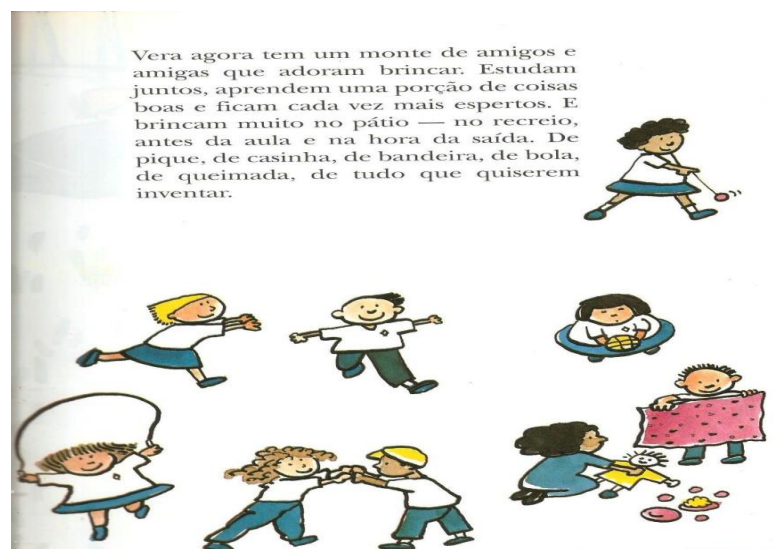


Figura 15 - Machado (2010, p.30).

E quando está no quintal de Dona Maria pela manhã ela brincar com Zé também. “E como aprendeu a ler, às vezes tem horas que só quer ficar bem quieta e sossegada, lendo. Por isso, às vezes o Zé chama para brincar e ela diz: – Ai Zé, não dá pé...Quero ler esse livro. É tão legal!”.



Figura 16 - Machado (2010 p. 32-33).

Seu amigo Zé tem uma ideia, e diz a Vera: “ – Então vamos ler em voz alta. Eu conto uma história pra você, depois você conta uma pra mim. E tudo é uma brincadeira só. Muito divertida”.

Vera busca companhia pra brincar, mas todos estão ocupados, todos mesmos. A autora utiliza a imaginação infantil quando traz Vera chamando os animais para brincar com ela. Depois de muito sofrer a menina encontra companhia e quando começa a frequentar a escola, não mais vai faltar-lhe companhia. “Com seus amigos, ela brinca de pique, de casinha, de bandeira, de bola, de queimada, de tudo que quiserem inventar”.

Outra brincadeira que a autora Ana Maria Machado enfatiza no final é a brincadeira de contar histórias. Entendendo que ao ler histórias, a criança entra no universo da ficção, porém ensina muito do mundo real. Com isto, ela vai aprendendo cada vez mais. Outra questão é que a Literatura Infantil deve ser como um brinquedo divertido, pois leva a criança para o mundo da fantasia, da imaginação, do humor. “E é tudo uma brincadeira só. Muito divertida”.

A autora vê o brincar como uma necessidade essencial na vida da criança, porém mostra uma atual realidade encontrada em muitas famílias, que é a falta de tempo para dar-lhe um pouco de atenção. E brincar com ela, ainda fica mais difícil. Pois por diversos motivos leva o adulto a não brincar com a criança, porque o adulto tem muito que fazer. Como responde a vizinha de Vera quando a menina a chama para brincar com ela. “- Dona Maria, vem brincar comigo? - Ai, Vera quem me dera... Mas tenho mais o que fazer. Você pensa que a vida é só brincadeira, é?”

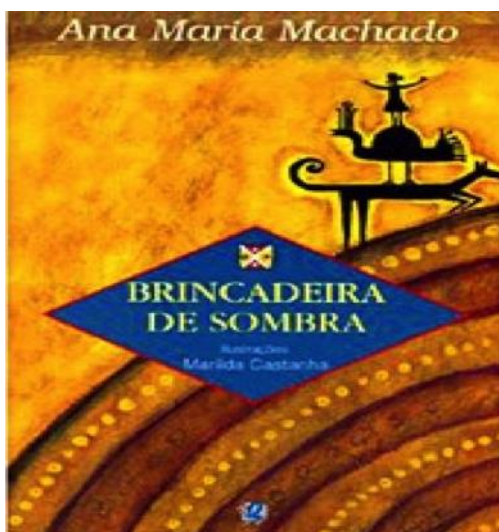
Outro elemento importante a ser considerado é o alerta que a autora faz para a necessidade da criança ao ingressar na escola, esta se constitui como espaço de interações, brincadeiras e aprendizagens. Neste sentido, a companhia de outros colegas significa a oportunidade em parceiros para o ato de brincar e, conseqüentemente, aprender, inclusive a leitura. Da mesma forma, Literatura Infantil, passa a se constituir como espaço de brincadeiras divertidas, de imaginação e, também, aprendizagens.

Com relação à distinção de gênero quanto à brincadeira não existe na obra, pois Vera brinca com o Zé no quintal e na escola com os amigos.

Os resultados analisados pela ação do brincar nessa obra foram: a interação com outras crianças “Vera agora tem um monte de amigos e amigas que adoram brincar” e o desenvolvimento cognitivo e motor “Estudam juntos, aprendem uma porção de coisas boas e ficam cada vez mais espertos. E brincam muito no pátio – no recreio, antes da aula e na hora da saída”. Nessa obra Ana Maria Machado também enfatiza a escola

como um espaço social de interações e aprendizagens. Quando Vera ingressa na escola tem companhia para brincar e, conseqüentemente nesse espaço ela aprende muito. “E como aprendeu a ler, às vezes tem horas que só quer ficar bem quieta e sossegada, lendo”. Então o livro torna-se um brinquedo, quando a narrativa descreve: “– Então vamos ler em voz alta. Eu conto uma história pra você, depois você conta uma pra mim. E é tudo uma brincadeira só. Muito divertida”.

3.4.3 - Brincadeira de sombra



“Nesta série, Ana Maria Machado capta o poder da imaginação da criança, que transforma o dia-a-dia em grandes aventuras”. (MACHADO, 2003, p.12).

Quem nunca parou para olhar sua sombra e/ou sombra de coisas e animais? As crianças estão sempre nos mostrando como usam sua imaginação para brincar com as mais diversas coisas e situações.

Figura 17 - capa do livro *Brincadeira de Sombra*

A menina queria trocar a sua sombra pela sombra do avô que era maior, porém ao trocar de lugar com seu avô ela viu que não conseguiram trocar de sombra, pois a sua sombra ainda é pequena e do seu avô maior.

Quando Luisa e seu avô entram na padaria ela percebe que as sombras desapareceram.



Figura 18 - Machado (2003 p.1-2).



Figura 19 – Machado (2003, p.4).



Figura 20 – Machado (2003, p.7-8).

Quando eles saem as sombras voltam aparecer atrás deles. E Luísa continua a dizer que quer uma sombra maior, então começa a brincar o tempo todo pelo caminho de casa. Ela se esconde atrás do avô. A sombra dela some. Ela põe o pé para fora. A sombra também (Machado, 2003, p.11).

Quando Luísa e seu avô chegam a sua casa, seu avô bem experiente e amoroso com sua neta a ajuda na brincadeira de sombra. Então: O avô fecha as cortinas da sala e acende o abajur. – Venha cá! – ele chama. – veja! E brinca com as sombras na parede. (MACHADO, 2003, p.12).

O avô da menina faz movimentos com suas mãos e as transformam em pássaros voando através da sombra refletida na parede.



Figura 21 – Machado (2003, p.12).

A menina fica muito feliz, começa a brincadeira, rindo e batendo palmas. Luísa quando começa a se aproximar da luz, tem uma grande surpresa: sua sombra cresce e ela finalmente consegue ter sua sombra maior, até maior que a do seu avô.



Figura 22 - Machado (2003, p.13-14).

De acordo com as análises de Freire (2004), nessa narrativa de Ana Maria Machado, as ilustrações de Marilda Castanha auxiliam bastante para que o tema sombra ficasse mais evidente, mas claro para a compreensão do discurso literário. Ao tratar-se das imagens dos livros infantis, entende-se que pelo fato de ser algo espontâneo da

curiosidade infantil e por elas também terem em diferentes culturas significados ricos, as ilustrações são de suma importância, pois ajudam a criança a interligar a linguagem visual com a linguagem verbal da história.



Figura 23 – Machado (2003, p.5).

Sobre as ilustrações desse livro “Brincadeira de Sombra” Freire (2004, p. 04-05) expõe algumas técnicas utilizadas pela a ilustradora para ficar claro a ideia de sombra nos desenhos.

As belas ilustrações parafraseiam o texto escrito e permitem aos leitores não alfabetizados reconhecer cada situação e acompanhar a história. O trabalho da ilustradora Marilda Castanha se destaca pela técnica empregada, pela técnica e pelo uso estético das cores. O desafio de representar sombras é enfrentado com o uso do preto (chapado) para identificá-las e com a escolha de tons mais escuros nas ilustrações dos passeios da menina com seu avô sob o sol da manhã.

Portanto, entende-se que as imagens podem impregnar também conotações, assim como as palavras. O ilustrador precisa conhecer e saber aplicar técnicas importantes para cada tipo de trabalho, podemos citar algumas delas, como perceber o melhor ângulo, qual ajuste deve ser feito, o decorrer das cores ou da nuance adequada, como também é preciso ver o tipo da iluminação, que pode destacar ou até mesmo

ocultar algumas feições da imagem, porém esses métodos aplicados às ilustrações ficam a critério do próprio ilustrador.

O tipo de brincadeira que aparece na obra é a Brincadeira de sombra, como traz o próprio título. Essa brincadeira aparece no decorrer da narrativa, ou seja, desde o momento em que Luísa sai de casa com seu avô para a padaria. Ela percebe que as sombras os acompanham, e todos os movimentos que fazem, elas também fazem. Só mesmo quando os dois entram na padaria as sombras somem. Ao saírem, Luísa brinca com seu avô, se escondendo atrás dele, coloca um pé fora, a sombra também. Entretanto, ela quer uma sombra maior e a brincadeira é concretizada quando eles chegam em casa. Lá começa a brincadeira com o auxílio de seu avô. Então ele fecha as cortinas e acende o abajur e começa a fazer movimentos que formam diversas imagens na parede. Luísa fica encantada e quando chega bem perto da luz sua sombra cresce, mas cresce tanto que fica maior que a sombra do seu avô antes vista na rua.

Ana Maria Machado, mais uma vez traz a figura de um ancião da família, onde mostra a importância da sabedoria que eles têm pela experiência de vida e, que contribui bastante na vida dos mais novos. Outro ponto importante, que autora ressalta através da ação do avô ao ajudar a sua neta, fechando as cortinas e apagando o abajur é como o adulto pode ajudar a criança na aprendizagem, dando suporte para seu desenvolvimento através das indagações que surgem na criança, quando ao mesmo tempo em que lhe dá atenção, ele está valorizando a brincadeira na vida da criança.

Os resultados da brincadeira nessa obra foram: A criança brinca com as coisas do dia-a-dia, nesse caso com a sombra das pessoas, animais e das coisas e questiona-se e busca outras possibilidades “a menina queria uma sombra maior, pois sua sombra é pequena com relação à do seu avô, mas como conseguir isso?”.

Outro resultado analisado nessa obra é que a criança aprende com o auxílio de um adulto, pois o avô de Luísa fecha as cortinas e acende o abajur. Essa ação leva a criança (Luísa) a entender que, ao se aproximar da luz sua sombra vai ficando maior. A criança vibra com os achados pela brincadeira e interrogações que surgem no seu meio pelo que existem de concreto e pelos sentimentos humanos que se desenvolvem.

Deste modo, a criança aprende por meio dos questionamentos, das experiências que vive e, consequentemente da reflexão do mundo que a cerca.

3.4.4 - *Dia de chuva*

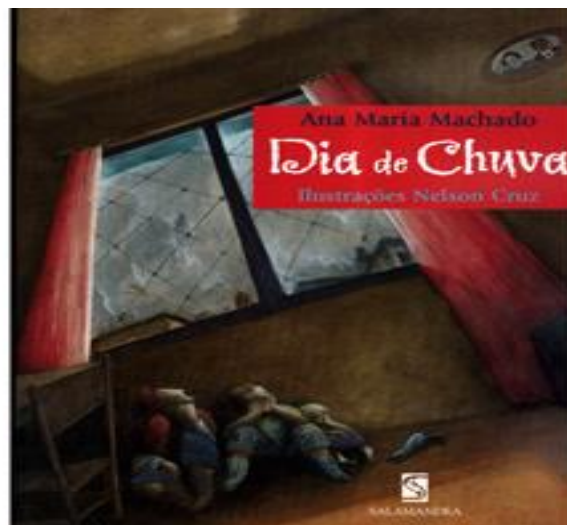


Figura 24 – capa do livro *Dia de Chuva*

Os dois personagens dessa história, Henrique e Isadora, estão também em outra obra de Ana Maria Machado *Vamos brincar de escola?*. Isto fica claro logo na primeira página do livro como mostra abaixo a fala da personagem que é a mãe de Guido.

- Guido, veja só! – Falou a mãe. – Henrique e Isadora vieram brincar com você (MACHADO, 2002, p. 4).

– Mas vocês não podem ir lá fora. Vai chover (MACHADO, 2002, p.5).



Figura 25 – Machado (2002, p.1).

Essa fala de que vai chover é bem representada pela imagem acima trabalhada por Nelson Cruz logo no início do livro, mostrando os fortes ventos, o céu carregado de nuvens se formando em chuva, e os detalhes como as roupas e os varais voando muito alto, o tapete na janela também, assim como, papéis voando na altura das casas de andares.



Figura 26 – Machado (2002, p.4).

O ambiente apresentado pelas ilustrações mostra que essa narrativa se passa em uma casa de andar, numa rua com muitas outras casas parecidas. As janelas são protegidas com telas por causa das crianças. Na narrativa não é descrito o ambiente em que se passa a história, apenas é possível inferir pelos diálogos e imagens “– Mas vocês não podem ir lá fora. Vai chover” (MACHADO, 2002, p.5). Esse diálogo dá ideia que eles estão em um local fechado. Outra fala que comprova que é numa casa que se passa a narrativa, quando é descrito “as crianças cansaram de ver a corrida das gotas na vidraça” (MACHADO, 2002, p. 12).

A partir daí começa uma sequência de imagens e texto que vão descrevendo as crianças entrando no mundo da imaginação, na brincadeira do faz-de-conta. “Atravessaram um abismo numa ponte perigosa” (MACHADO, 2002, p. 17). Essa afirmação vem acompanhada de imagens distorcidas que imanam a imaginação das crianças, pois não há nas imagens uma ponte real, mas imaginária. Aliás, há sim uma ponte suscitada pelos textos, pelas imagens distorcidas e, principalmente, pelas imaginações da autora e das crianças leitoras.

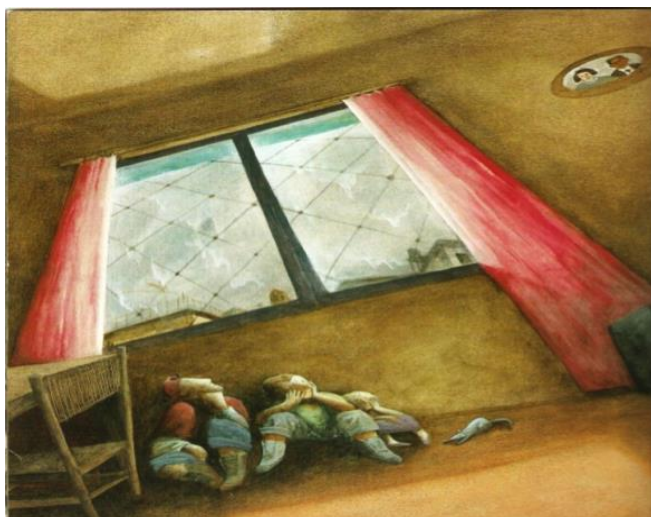


Figura 27 – Machado (2002, p.11).

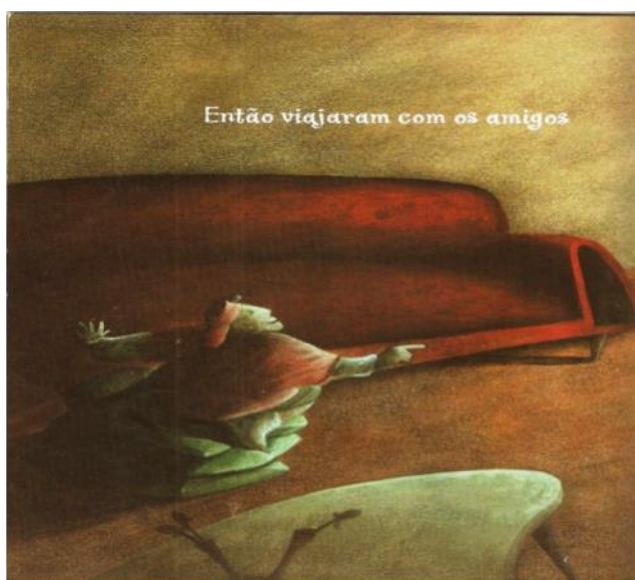


Figura 28 – Machado (2002, p.13).



Figura 29 – Machado (2002, p.18).

É bem interessante como o ilustrador representa muito bem a simbolização da criança ao brincar de faz-de-conta. Os móveis da sala se transformaram em ponte perigosa, sendo a distância de uma poltrona para a outra, deixando um abismo entre elas. A menina Isadora coloca os pés na mesinha de canto e segura na perna de Guido, para não cair no abismo.

Em seguida...“Tiveram que se esconder atrás das pedras para se defender das feras” (MACHADO, 2002, p.19).

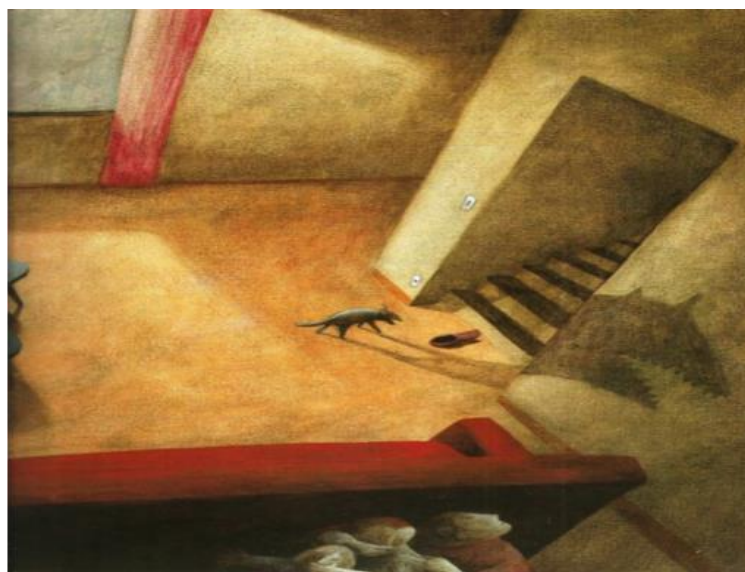


Figura 30 – Machado (2002, p.20).

Aqui o ilustrador mostra a sombra do cachorrinho como uma fera perigosa, e as crianças escondidas atrás do sofá, simbolizando para elas as pedras. “Depois foram descansar e dormiram na caverna dos ursos” (MACHADO, 2002, p.23). Nessa imagem aparecem as poltronas da sala sendo simbolizadas pelas crianças como as cavernas dos ursos.



Figura 31 – Machado (2002, p.24).

Quando a mãe de Henrique chegou, ela disse:

– Que pena que eles não puderam ir a lugar nenhum por causa da chuva...

Os três deram muita risada.

E as mães não sabiam por quê (MACHADO, 2002, p.25).

Como mostra a figura abaixo as crianças rindo muito e as mães sem entender.

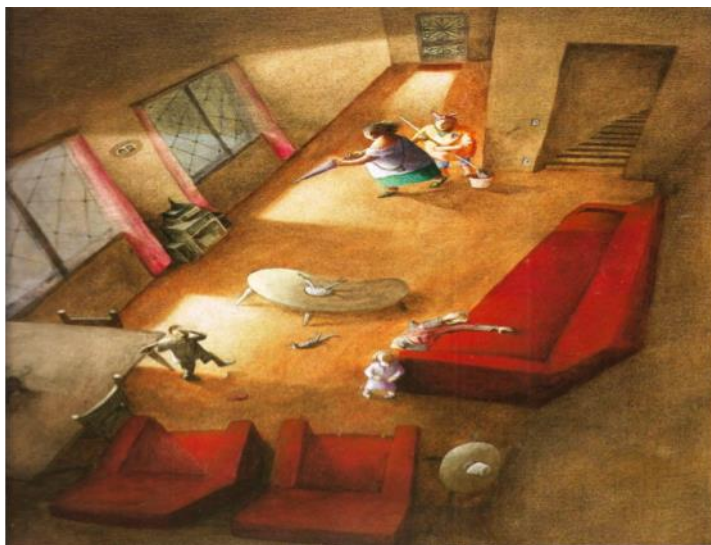


Figura 32 – Machado (2002, p.26).

As mães não perceberam que as crianças brincaram muito, foram a lugares distantes, enfrentaram animais ferozes, viajaram pelo mar, pela floresta, andaram a cavalo, dormiram em caverna. Suas imaginações foram bem além do seu ambiente real, vivido em sua realidade cotidiana e urbana, como mostram as narrativas e as ilustrações. Machado (2002, p.28) nos ajuda a entender essa característica da narrativa visual ao afirmar que

na hora de brincar, o ambiente de todo dia se transforma. As almofadas do sofá passam a ser elefantes, camelos, carroças e caravanas. A mesa da sala vira caverna, os pés das cadeiras são troncos de árvores, a cama ou rede é um navio em alto-mar, a vassoura é um cavalo, o pano-de-pratos é uma é uma capa mágica. E os pequenos percorrem o mundo todo enquanto gente grande acha que não vão a lugar nenhum.

Ana Maria Machado ao analisar a obra *Dia de chuva*, depõe que acredita no poder da imaginação infantil. Ela afirma lembrar-se da sua imaginação quando criança e que sempre observava seus filhos, sobrinhos e netos. Esse depoimento encontra-se na penúltima página desse livro, que traz como fonte o site oficial da autora.

Ramos (2006) descreve o brincar infantil como uma atividade mais extraordinária, pois se percebe o encantamento que a criança vive nesse momento, aonde ela transforma o mundo real através de novas possibilidades, como mostram as ilustrações de Nelson Cruz para esse livro de Ana Maria Machado.

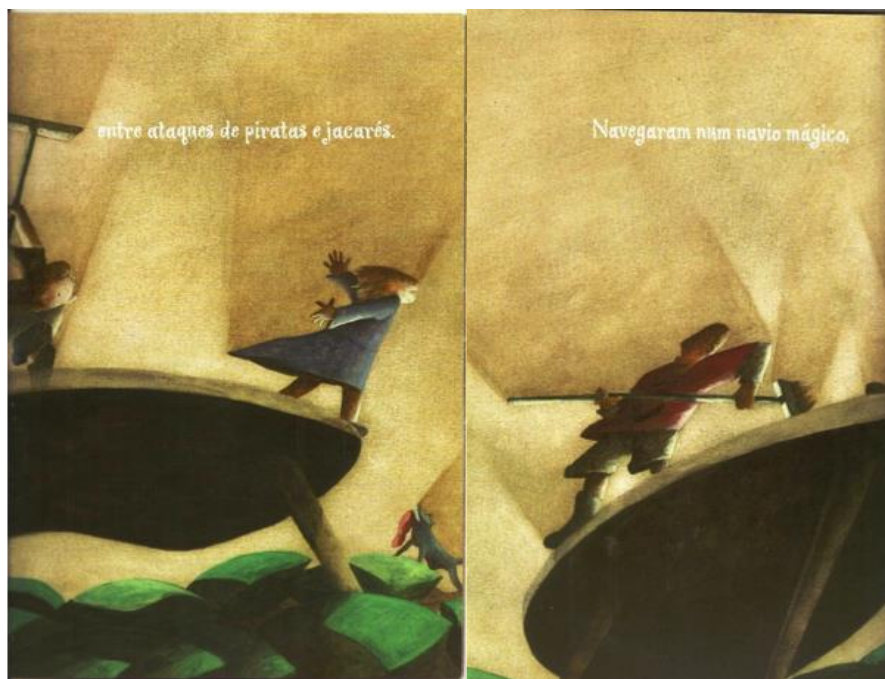


Figura 33 – Machado (2002 p.23-24).

Nesta ilustração percebemos que as crianças estão em cima da mesa, o menino está com uma vassoura como se fosse um remador. Embaixo vemos umas almofadas verdes, simbolizando o mar. A menina Isadora faz posição de estar sentido a força do vento no mar e o menino no centro da mesa se esforça contra os ataques. O cachorro nesse caso parece ser um dos jacarés. Ramos (2006, p.55) nos explica que, neste contexto,

o mundo real ganha novas formas. Árvores passam a ser belíssimos esconderijos ou casas. Mesas viradas de cabeça para baixo viram navios fantasmas. De cabeça para cima, cavernas. Vassoura vira cavalo. Caixa de papelão vira carro. Espiga de milho, boneca. Boneca melhor amiga.

E as aventuras continuam, as crianças vão longe, a lugares bem distantes. Podemos afirmar que o texto em composição com as imagens suscitam e valorizam a

imaginação não apenas das crianças leitoras, mas de qualquer leitor que se aventure na narrativa da história e viaje por suas imagens potencializadoras de imaginações.

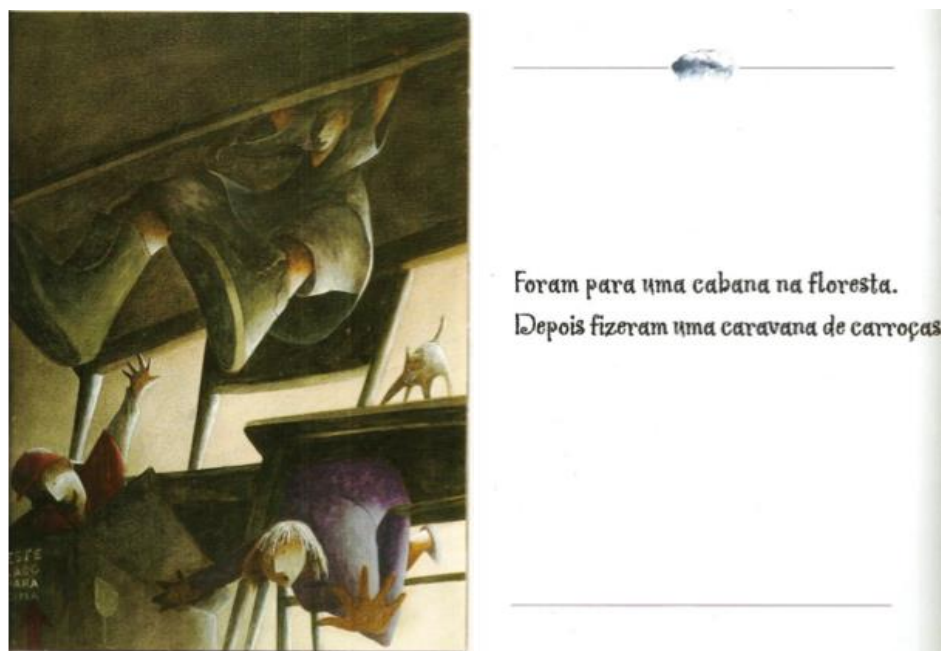


Figura 34 – Machado (2002 p.18-19)

O tipo de brincadeira aqui encontrada é a brincadeira do faz-de-conta. É apresentada numa sequência de páginas, da página 13 a página 24. Nessa brincadeira não existe distinção de gêneros, pois a brincadeira do faz-de-conta é própria da imaginação infantil. Ana Maria Machado nos traz juntamente com Nelson Cruz uma obra rica, que mostra claramente como a imaginação infantil está presente na vida da criança, que independente das circunstâncias, não a impede de viver aventuras em qualquer tempo ou espaço.

Outro ponto relevante que a autora parece querer levantar, nesta obra, é a falta de compreensão do adulto ao desperceber que as crianças vão muito longe quando entram no mundo do faz-de-conta, no mundo da imaginação. Que o criar e recriar mundos os desenvolvem e os ajudam a compreender o próprio mundo em que vivem, aprender a fazer escolhas, a explorar espaços, personagens e situações imaginárias. E, assim, estão aprendendo muito, pois elas são capazes de transformar por alguns momentos objetos concretos em coisas imagináveis, distantes da realidade ao qual se encontram. Assim também como o espaço físico pode ser modificado na brincadeira.

Em fim, tudo pode ser trocado no mundo do faz-de-conta. A criança é a criadora da sua história e, faz sua dramatização com sabedoria e esperteza, pois ela tem a

capacidade de representar o mundo imaginário pelo aquilo que é concreto quando estão brincando. Arce (2004, p.22) apud Marsiglia (2011, p.46) nos ajuda a entender a potencia do faz-de-conta ao afirmar que

na brincadeira a criança cria uma ruptura entre sentido e significado de um objeto, isto é, um pequeno pedaço cilíndrico de madeira não perde seu significado para a criança, mas durante a brincadeira esse objeto pode assumir para a criança o sentido de uma seringa de aplicação de vacina. Importante destacar que a criança não realiza essa ruptura antes de iniciar a brincadeira nem mesmo depois de encerrada a brincadeira. Somente durante a atividade é que se faz necessária a imaginação.

Como enfatiza Arce (2004), citado por Marsiglia (2011), esse processo de rupturas de sentidos entre o real e o imaginário é distinto para a criança, ou seja, ela sabe diferenciar quando pode trocar os sentidos das coisas, sem deixar de saber o real sentido delas.

Através da brincadeira do faz-de-conta, podemos compreender que a criança tem o poder de transformar a realidade ao qual se encontra “impossibilitados de brincar fora da casa pelo fato de estar chovendo, as crianças viajam na imaginação, e os objetos concretos tomam formas de outros seres imaginários”.

Ela tem a capacidade de criar uma história pela brincadeira do faz-de-conta: “Nas costas dos elefantes. Foram para uma cabana na floresta. Depois fizeram uma caravana de carroças. Atravessaram um abismo numa ponte perigosa. Tiveram que se esconder atrás das pedras, para se defender das feras. Navegaram num navio mágico, entre ataques de piratas e jacarés. Depois foram descansar e dormiram na caverna dos ursos”. Portanto, as crianças têm habilidades para representar, sendo os protagonistas da sua própria história. É o que fazem Henrique, Isadora e Guido, através das suas imaginações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescente interesse por pesquisas sobre elementos lúdicos como brincadeiras, jogos e brinquedos vem contribuindo bastante para a educação da infância. Com estudos empíricos, fundamentados pelos teóricos da educação e da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, entende-se que sempre há mais a ser acrescentado e outras interpretações e invenções são possíveis. Embora exista uma grande procura por estudos acerca desse tema, percebe-se, ainda, que pouco se sabe sobre os procedimentos que estão envolvidos na brincadeira, por exemplo. E, sobretudo, como deve ser a inserção das atividades lúdicas na educação, em processos de ensino formais.

No entanto, não é preciso encontrar um conceito único, universal sobre a atividade do brincar. Porém, a diversidade de pesquisas e abordagens teóricas e metodológicas ganham potência ao se preocuparem em ampliar suas abordagens para que os professores da Educação Infantil compreendam a necessidade da aplicação da atividade do brincar nas práticas educativas. Neste sentido, o brincar, entendido como atividade inerente e necessária na infância necessita respeitar a liberdade e a diversidade de possibilidades de brincadeiras, assim como, os interesses das crianças nessa atividade, conforme apontam Os Referenciais, Os Parâmetros e As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Literatura Infantil é outro campo de pesquisa potente e de grande importância na formação de professores da educação infantil já que educar as pessoas para a formação de bons leitores significa ter um trabalho bem desafiador para os profissionais da educação do mundo inteiro e, sobretudo, que o Licenciado em Pedagogia tenha o gosto, interesse e hábito, pela Literatura Infantil.

É de fundamental importância dar espaço para a brincadeira, estimular e auxiliar as crianças, como também proporcionar-lhes o contato com os livros, com a leitura, com as imagens e o ouvir histórias. A Literatura Infantil é um recurso artístico e pedagógico muito eficaz para levar a criança a ter interesse pela leitura, pelo prazer que ela proporciona, através da imaginação do autor e, conseqüentemente, do leitor. Assim sendo, nos dedicamos ao estudo da brincadeira nas quatro obras de Ana Maria Machado e, desta maneira, buscamos construir uma ponte entre o brincar e a Literatura Infantil.

Como podemos perceber nas obras analisadas, a Literatura Infantil e suas leituras podem se constituir como brincadeira inventivas nas quais são formados novos

leitores e escritores, nas quais crianças e professores exercitam a imaginação e, assim, aprendem, se desenvolvem. Ao iniciarmos nosso estudo, partimos da seguinte questão: quais brincadeiras estão presentes em quatro obras de Ana Maria Machado e como as personagens se relacionam com elas?

Diante dos resultados da análise de conteúdo nas quatro obras, podemos dizer que a brincadeira são potências inventivas nas quatro obras e que juntas nos alerta para a necessidade, de dentro e de fora das escolas, em permitir que as crianças brinquem, entendendo a brincadeira como fundamental para o desenvolvimento na infância e para as demais fases da vida.

Ter estudado Ana Maria Machado proporcionou-nos, por meio de suas obras, viajar no divertido mundo do faz-de-conta e até viver alguns momentos de fantasia. A Literatura infantil e as brincadeiras estão juntas nas obras analisadas e precisam compor as práticas da educação infantil como um direito da criança e ao mesmo tempo uma atividade indispensável para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se apresenta às crianças*. São Paulo: Summer Editorial, 1983.

_____. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

ABREU, Ana Paula Bernardes. *Revelações que a Escrita não Faz: a ilustração do livro infantil*; In: Baleia na Rede: revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura. Vol. 1, nº 7, ano VII, dez/2010; FFC/UNESP; pág. 328-343. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/viewFile/1519/1323>; acesso em 20 de jan. 2014.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARDIN, Laurence. *Análise do conteúdo*. 4 ed. Lisboa, PT: Edições 70, Ltda, 2010.

_____. *Análise de conteúdo*; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENEVIDES, Ricardo. “Literatura do diálogo, proposta de questionamento”. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org.)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004. p. 87-104.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*; [Tradução de Marcus Vinicius Mazzari; direção da coleção Fanny Abramovich]; São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1998.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l9394_96.htm. Acesso em: 12 nov 2013.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume1: Introdução.

_____. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 2: Formação pessoal e social.

_____. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 3: Conhecimento de mundo.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Nacionais de qualidade para a Educação Infantil*. Brasília/DF, 2006. V.1.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Lei/L12796.htm: acesso em 20 de dez. 2013.

CADEMARTORI, Lúgia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Neusa Ceciliato de. “A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*”. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org.)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004. p. 67-86.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da Literatura Infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Dicionário crítico da Literatura Infantil / juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. *Literatura Infantil: teoria – análise – didática*. 6ª Ed. São Paulo: ática, 1997.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Vetor, 1994.

CURTIS, Audrey. “O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias.” In MOYLES, Janet R. [et al]. *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 39-49.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Tempo, Cinema 2*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 2ª ed.; Brasília: Liber Livro, 2005.

_____. *Análise de conteúdo*. 3ª edição; Brasília: Liber livro Editora, 2008.

FREIRE, Marcelo Glizi. *Lendo a Ilustração ou Ilustrando a leitura*. Rio de Janeiro: apresentado no I Seminário sobre o Livro e História Editorial: realização FERB . UFF/PPGCOM – UFF/LIHED; 08 a 11 de nov. de 2004. Casa Rui Barbosa; Rio de Janeiro. Disponível em: <http://w.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marceloghizifreire.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2014.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. *Manual de projetos de pesquisa científica: inclui exercícios práticos*. São Paulo: Avercamp, 2003.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens - O jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1980.

HURST, Victoria. “Observando o brincar na primeira infância”. In: MOYLES. Janet R. [et al]. *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 200-216.

KAMII, Constance e DEVRIES, Rheta. *Piaget para a educação pré-escolar*. Trad. Maria Alice Bade Danesi – Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *O jogo, a criança e a educação*. Tese de Livre-Docência. São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 1992.

_____. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KITSON, Neil. “Por favor Srta. Alexander: você pode ser o ladrão?” O brincar imaginativo: um caso para a intervenção adulta”. In: MOYLES. Janet R. [et al]. *A*

excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 108-120.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre, Mediação, 1998.

KRAEMER, Maria Luiza. *Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças: atividades baseadas em clássicos da Literatura Infantil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (coleção formação de professores).

KRAMER, Sônia (Coord.). PEREIRA, Ana Beatriz Carvalho; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; ASSIS, Regina de. *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil*. São Paulo: Ática. 2007.

KRIPPENDORFF, K. *Metodologia de análise de conteúdo: teoria e prática*. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.

LAJOLO, Marisa. *Ana Maria Machado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril educação, 1983. (Literatura comentada)

_____. “Teoria literária, literatura infantil e Ana Maria Machado”. In: Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (orgs). *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004, p.11-22.

MACHADO, Ana Maria. *[Biografias: Livros: Cadernos de notas: Novidades: Correio]*. [2013]. Disponível em: <http://www.anamariamachado.com/home/>. Acesso em: 03 nov. 2013.

_____. *Bento que bento é o frade*. Ilustrações de Cláudio Martins – 2ª Edição. São Paulo: Salamandra, 2003.

_____. *Brincadeira de sombra*; Ilustrações, Marilda Castanha. 4ª ed.- São Paulo: Global, 2003.

_____. *Dia de Chuva*; Ilustrações, Nelson Cruz. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. *Quem me dera*; Ilustrações, Mariângela Haddad – 5ª. edição. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Vamos brincar de escola?*; Ilustrações, Denise Fraifeld. São Paulo: Salamandra, 2005.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. *A prática pedagógica histórico-crítica na Educação Infantil e ensino fundamental*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. – (Coleção Educação contemporânea).

MOYLES, Janet R. [et al]. *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Fundamentos e didática*. São Paulo: Ática. 2003.

NOVAES, Maria Helena. *Educação pré-escolar: compromisso com as potencialidades criadoras emergentes*. In: BRASIL. Ministério da Educação e cultura, Secretaria de Ensino 1º e 2º Graus. Textos sobre educação pré-escolar. V.2, Brasília/Dezembro. 1983.p.35.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. (org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 1996.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. “(RE)criando e (Com)partilhando a palavra: considerações sobre a linguagem de Ana Maria Machado”. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004, p.137-154.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, e sonho imagem e representação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *A formação do símbolo na criança: jogos, sonhos e imitação*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAMOS, Anna Claudia. *Nos Bastidores do imaginário: criação da Literatura Infantil e juvenil*. São Paulo: DCL, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Colaboradores José Augusto de Souza Peres...[et. al]. *Pesquisa social: métodos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Ruth e ORTHOF, Sylvia; apresentação e organização Heloisa Prieto; ilustrações Ivan Zigg. *Contos para rir e sonhar*. São Paulo: Salamandra, 2003. (Coleção literatura infantil em minha casa; v. 2 Conto).

SANTOS, Santa Marli Pires dos. *Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche*. Petrópolis; Vozes; 1999.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. “um vol d’oiseau sobre a narrativa de Ana Maria Machado”. In: In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org.)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004. p. 121-136.

SOUZA, Francielle Diogo de. *Ana Maria Machado: contribuições e aprendizado no trabalho com a literatura infantil*. Monografia do Curso de Pedagogia; Maringá/PR, 2011. Disponível: [http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Francielle de Souza.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Francielle%20de%20Souza.pdf). Acesso em 15 dez. 2013.

SMITH, Peter K. “O brincar e os usos do brincar”. In: MOYLES. Janet R. [et al]. *A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 25-38.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, Gisela. *O Brincar na Educação Infantil*. Cadernos de Pesquisa, 1995.

YUNES, Eliana. “Escritura: as leituras de Ana Maria Machado”. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves e ANTUNES, Benedito. (org.)s. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP; Assis-SP: ANEP, 2004. p. 23-34.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. Porto Alegre: Global, 2003.

ANEXOS

ANEXO A: Fotos biográficas de Ana Maria Machado

A autora Ana Maria Machado conta um pouco de sua história no seu site disponível em < <http://www.anamariamachado.com/exposicao-virtual>>. acesso em 15/Dez/2013.



“Eu e meus pais, em 1942”



“Eu, aos 5 anos, em 1947”



Manguinhos, 1952.

“Sítio como o do Pica Pau Amarelo, só que com o mar na porteira”.



“Em Londres, com meus filhos Rodrigo e Pedro”.

“Estava com dois filhos pequenos em um país estranho, tinha o trabalho, a tese e a casa para cuidar. Mesmo assim, não parei de escrever as histórias infantis. Já estava definitivamente viciada em escrevê-las. Quando não as mandava para a revista *Recreio* publicar, guardava na gaveta o que escrevia. Surgiu uma oportunidade e fui para Londres, trabalhar na BBC. Ficaria por um ano e meio. O fim do exílio estava próximo...”.



“Com Caetano Veloso, na Rádio Jornal do Brasil, em 1976”.



“Lançamento do livro *"De Olho nas Penas"*, em dezembro de 1981.”



“Em 1983, nasceu Luísa. No mesmo ano, tomei coragem e publiquei meu primeiro romance para adultos, "Alice e Ulisses", muito bem recebido pela crítica. Ao mesmo tempo, meus livros foram começando a ser traduzidos no exterior, primeiro nos países escandinavos e, em seguida, na Alemanha, na França e na Espanha. Paralelamente, fui passando a fazer palestras para professores pelo interior do Brasil e desenvolvi cursos e seminários sobre promoção de leitura no exterior”.



“Livraria Malasartes, 1990”.



“Junto da estátua de Hans Christian Andersen, em Nova Iorque”.

“Em 2001, tive uma surpresa maravilhosa: ganhei o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, que a Academia Brasileira de Letras confere por toda a obra de um autor. Uma honra dessas ainda veio se somar as condecorações. Recebi a Medalha Tiradentes, da Assembleia Legislativa do Rio, e a Ordem do Mérito Cultural, da Presidência da República. Uma verdadeira consagração. Puxa, nem com uma varinha mágica uma fada-madrinha podia me dar isso...”.



“Com o presidente Fernando Henrique Cardoso, recebendo a Ordem do Mérito Cultural”.



“Com o Dr. Evandro Lins e Silva durante cerimônia de premiação do Prêmio Machado de Assis na ABL em 2001”.



“Inauguração de Sala de Leitura Ana Maria Machado na Escola Normal Julia Kubitschek, Rio de Janeiro, em 2006”

No Morro da Providência, onde nasceu Machado de Assis, há um projeto lindo que Ana Maria Machado apoia há anos, desde que um menino lhe mandou uma redação sobre ele em 2008. Uma verdadeira reportagem, contando sobre um sarau de poesia, em que a garotada se reúne aos sábados para ler poemas, ouvir histórias, conversar sobre livros. Iniciativa do João Guerreiro, que Ana conhecia e respeitava desde os tempos da Ação da Cidadania.

Sala de Leitura, Ana Maria lê histórias para as crianças.



Fonte: <http://www.anamariamachado.com/novidade/sarau-providencial>

“Fiquei emocionada”, disse a autora. “Desde a subida do morro já tinha criança dizendo meu nome e me chamando da janela, vindo me abraçar. Tinham lido meus livros, conheciam os personagens, sabiam tudo. Foi uma festa linda, com a criançada lendo em voz alta no largo da igreja”. Publicado em 06.11.2012. Disponível em <http://www.anamariamachado.com/novidade/sarau-providencial> acesso em 15/jan/2014.

ANEXO B: Cronograma das primeiras obras de Ana Maria Machado de acordo com Lajolo (1983, p.9).

LITERATURA INFANTIL

- Bento-que-Bento-É-o-Frade. (1977)
- Severino Faz Chover (1977)
- Currupaco Papaco (1977)
- Camilão, o Comilão e Outras Histórias (1977)
- História Meio ao Contrário (1978)
- O Menino Pedro e seu Boi Voador (1979)
- Raul da Ferrugem Azul (1979)
- A Grande Aventura de Maria Fumaça (1980)
- O Gato do Mato e o Cachorro do Morro (1980)
- O Elefantinho Malcriado (1980)
- Balas, Bombons, Caramelos (1980)
- O Natal de Manuel (1980)
- Do Outro Lado Tem Segredos (1980)
- Bem do seu Tamanho (1980)
- O Domador de Monstros (1980)
- Uma Boa Cantoria (1980)
- O Barbeiro e o Coronel (1980)
- Era uma Vez Três... (1980)
- Ah, Cambaxirra, Se Eu Pudesse... (1980)
- De Olho nas Penas (1981)

Segundo Lajolo (1983 p.9) “além desses textos, publicados em livros, a autora tem diversos outros, publicados em revistas, principalmente na revista Recreio, da Editora Abril”.

Atualmente são 152 obras para o público infanto-juvenil; 09 obras para o público adulto; 06 textos teóricos; 17 traduções de clássicos da literatura mundial. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/autores/ammachado/obras.htm>> acesso em 15/jan/2014.